



Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE

Ano 125 • Nº 2.135 • Fevereiro 2007

Reencarnação

*“A **reencarnação** é o meio,
a **educação divina** é o fim.”*

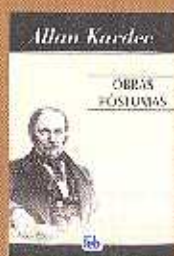
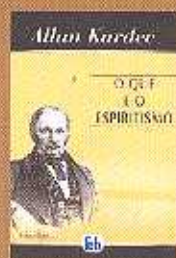
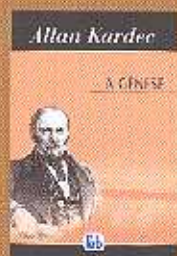
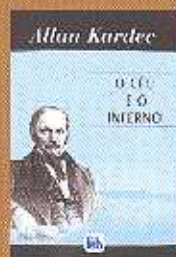
Veja nesta Edição:

As religiões e as tradições
Células-tronco e congelamento de embriões
Bezerra de Menezes Abolicionista

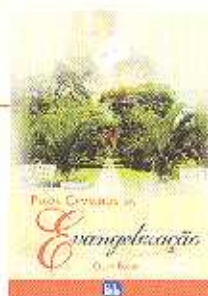


Últimos Lançamentos de 2006

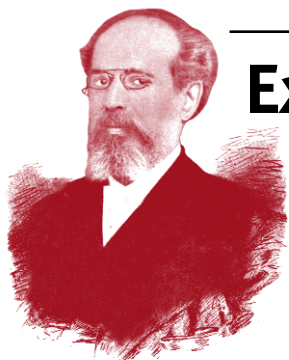
Complemento da Coleção de bolso



Outros lançamentos



Obras infantis



Expediente

Fundada em 21 de janeiro de 1883

Fundador: **Augusto Elias da Silva**

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão

Ano 125 / Fevereiro, 2007 / N.º 2.135

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Diretor: NESTOR JOÃO MASOTTI

Diretor-substituto e Editor: ALTIVO FERREIRA

Redatores: AFFONSO BORGES GALLEGOS SOARES, ANTONIO

CESAR PERRI DE CARVALHO, EVANDRO

NOLETO BEZERRA E LAURO DE OLIVEIRA SÃO THIAGO

Secretária: SÔNIA REGINA FERREIRA ZAGHETTO

Gerente: AMAURY ALVES DA SILVA

Gerente de Produção: GILBERTO ANDRADE

Equipe de Diagramação: SARAI AYRES TORRES, AGADYR

TORRES E CLAUDIO CARVALHO

Equipe de Revisão: MÔNICA DOS SANTOS E WAGNA

CARVALHO

REFORMADOR: Registro de publicação

n.º 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polí-

cia Federal do Ministério da Justiça),

CNPJ 33.644.857/0002-84 • I. E. 81.600.503

Direção e Redação:

Av. L-2 Norte • Q. 603 • Conj. F (SGAN)

70830-030 • Brasília (DF)

Tel.: (61) 2101-6150

FAX: (61) 3322-0523

Departamento Editorial e Gráfico:

Rua Souza Valente, 17 • 20941-040

Rio de Janeiro (RJ) • Brasil

Tel.: (21) 2187-8282 • FAX: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Home page: <http://www.febnet.org.br>

E-mail: feb@febrasil.org.br e

webmaster@febnet.org.br

PARA O BRASIL

Assinatura anual **R\$ 39,00**

Número avulso **R\$ 5,00**

PARA O EXTERIOR

Assinatura anual **US\$ 35,00**

Assinatura de Reformador:

Tel.: (21) 2187-8264 • 2187-8274

E-mail:

assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Projeto gráfico da revista: JULIO MOREIRA

Capa: AGADYR TORRES

Sumário

4 Editorial

Reencarnação

11 Entrevista: Lauro de Oliveira São Thiago

Uma vida dedicada à Homeopatia e ao Espiritismo

17 Presença de Chico Xavier

Lições do momento – *André Luiz*

21 Esflorando o Evangelho

Mar alto – *Emmanuel*

30 A FEB e o Esperanto

Valiosas sugestões do presidente da Associação Universal de Esperanto – *Affonso Soares*

32 Reformador de ontem

Eutanásia, nunca! – *Vianna de Carvalho*

42 Seara Espírita

5 As religiões e as tradições – *Juvanir Borges de Souza*

8 De vez em quando – *Richard Simonetti*

13 Riqueza intocada – *Dario Veloso*

14 Tendências: Reflexos do passado (Capa) –

A. Merci Spada Borges

16 Ouve – *Amaral Ornellas*

18 Casos de evidências de reencarnação (Capa) –

Antonio Cesar Perri de Carvalho

20 A reencarnação fortalece os laços de família –

Allan Kardec

22 Em dia com o Espiritismo – Células-tronco e congelamento de embriões – *Marta Antunes Moura*

25 FEB no “Fórum Espiritual Mundial”

26 Questão de escolha – *Ivone M. M. Ghiggino*

28 Com Cristo, não há sombra sombria –

Jorge Leite de Oliveira

33 Eutanásia – *Nestor Vítor*

34 Há órgãos no corpo espiritual? – *Mauro Paiva Fonseca*

36 Conflitos de jurisdição – *Alfredo Fernandes de Carvalho*

37 Cursos na Sede Seccional da FEB em 2007

38 Bezerra de Menezes Abolicionista –

João Marcos Weguelin



Editorial

Reencarnação

“[...]Quando Jesus pronunciou a divina palavra – amor, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

O Espiritismo a seu turno vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a reencarnação, triunfando da morte, revela às criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual. Já não é ao suplício que ela conduz o homem: condu-lo à conquista do seu ser, elevado e transfigurado.”

LÁZARO (PARIS, 1862)*

Uma das mais graves situações que o ser humano vivencia em nossa época, marcada pela insegurança e pela instabilidade, é a falta de respostas às suas dúvidas: o que sou?, de onde vim?, para onde vou?, o que faço aqui na Terra?, qual o sentido da existência humana?... São questões a que o materialismo, assim como as doutrinas espiritualistas que admitem apenas uma única existência, não conseguem responder.

O Espiritismo, porém, desde a metade do século XIX, nos esclarece, assentado em fatos submetidos ao crivo da razão, a realidade da multiplicidade das existências físicas, já registrada no Velho e no Novo Testamentos, e que proporciona ao Espírito imortal as oportunidades de crescimento e aprimoramento intelectual e moral.

Independentemente de qualquer revelação espiritual, os fatos não deixam dúvidas a respeito desta verdade. Eles ocorrem com pessoas sem nenhuma convicção religiosa ou espiritualista, obrigando-as a reformulações relacionadas com suas convicções próprias diante de realidades por elas vividas, conforme relatos que constam desta edição de *Reformador*.

Estudiosos, voltados às pesquisas científicas, já reúnem um número avassalador de fatos levantados, comprobatórios da reencarnação. Da mesma forma, psicólogos e psiquiatras, sem nenhuma vinculação religiosa, já se utilizam, com resultados altamente positivos, das terapias de vivências passadas, buscando, em reencarnações anteriores, as causas das patologias encontradas em seus pacientes na presente existência.

Isto tudo deixa claro que a reencarnação não é apenas uma proposta teórica, filosófica ou religiosa, mas um fato científico constatado, utilizado e vivenciado no nosso dia-a-dia.

* KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. XI, item 8.

As religiões e as tradições

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Ao observarmos o roteiro do progresso do homem na Terra, ao longo das idades e das múltiplas civilizações, podemos perceber que a Humanidade em todas as épocas e os povos de todos os quadrantes têm recebido o auxílio divino, através dos enviados do Governador deste Orbe – o Cristo de Deus.

O estudo das religiões, das mais antigas às atuais, assim como a pesquisa dos sistemas filosóficos e morais demonstram que todos os povos, nações, raças, tribos ou grupamentos humanos tiveram seus missionários, seus guias, seus pensadores e seus profetas, Espíritos mais adiantados, ou mais esclarecidos e vividos que vieram em missão da Espiritualidade Superior, com o objetivo de proporcionar o progresso espiritual de seus contemporâneos e pósteros.

Por vezes, esses missionários se constituem em verdadeiras alavancas para o deslocamento de erros arraigados, ou de superstições e atrasos de difícil remoção.

São formas de auxílio utilizadas pela Espiritualidade, sem prejuízo do livre-arbítrio com que foi criado cada beneficiário.

No mundo ocidental são notórias as três grandes Revelações, em cerca de 3.400 anos, vindas através de Moisés, do Cristo e da Doutrina Espírita.

Cada uma dessas Revelações atende às necessidades de melhor compreensão das verdades e realidades referentes a Deus, o Criador do Universo, à vida e à natureza do homem, de sua origem e destino, sem perder de vista a capacidade de entendimento e as limitações daqueles seres aos quais foram dirigidas.

Moisés foi o grande legislador hebreu, nasceu no ano 1.500 a. C. e morreu em 1.380 a. C. Criado na corte faraônica do Egito antigo, recebeu ensinamentos e educação especiais. Chefiou a retirada dos hebreus do Egito, onde eram escravos, e conduziu-os à Terra da Promissão, a atual Palestina.

Médium e missionário do Governador da Terra – o Cristo de Deus – recebeu da Espiritualidade, no Monte Sinai, as Tábuas da Lei, com os Dez Mandamentos que constituem a base para a legislação civil em todo o mundo.

Além dos Mandamentos, recebidos mediunica-

mente, Moisés legou ao povo judeu o denominado Pentateuco, compreendendo cinco livros de regras civis e religiosas, além de informações históricas e narrações, que fazem parte do Antigo Testamento da Bíblia.

O Cristo representa a Segunda Revelação.

É o próprio Governador deste Orbe que, após enviar muitos missionários aos habitantes da Terra, vem pessoalmente, no momento certo por Ele escolhido, para indicar à Humanidade o caminho cor-

Moisés: Primeira Revelação





Jesus: Segunda Revelação

reto, o conhecimento da verdade e da vida, com ensinamentos e exemplificações.

Sua autoridade provém da sua condição de Espírito puro, numa missão divina, indicando aos homens o verdadeiro roteiro para a ascensão humana.

Suas parábolas estão impregnadas de simplicidade, de sabedoria e de verdades eternas.

“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, proclamou Ele, e exemplificou como deve proceder o homem para viver e elevar-se sempre, obedecendo às leis eternas de Deus.

Jesus veio no seio do Judaísmo, aproveitando a circunstância de ser o povo hebreu o único a cultivar a crença no Deus único. Sua vinda foi anunciada pelos profetas bíblicos com séculos de antecedência.

Mas é evidente que sua Mensagem se dirige a todos os povos, nações e raças, sem exceções, já que todos os homens são criaturas de Deus.

Sabia Ele que seus ensinamentos não seriam compreendidos integralmente, que haveria deturpações devidas à ignorância, de um lado, e aos interesses inferiores, de outro.

Por isso, prometeu o envio de outro Consolador, para retificar os desvios que ocorressem e ensinar coisas novas.

Era a previsão da ocorrência da Terceira Revelação.

A última das três grandes Revelações é representada pelo Espiritismo, denominação criada pelo missionário Allan Kardec para designar a doutrina trazida aos homens pela Espiritualidade Superior, à frente o Espírito de Verdade, tudo conforme a promessa do Cristo, de enviar um outro Consolador.

A época escolhida para o cumprimento da previsão de Jesus foi o meado do século XIX, por razões que hoje podemos identificar, na sua significação transcendente.

O mundo havia caminhado e evoluído, impulsionado pelas religiões e pelas ciências, apesar dos enganos e erros dos homens.

O Cristianismo, embora não entendido na sua significação integral, pela incapacidade interpretativa, de um lado, e pelos interesses humanos, de outro, não deixou de produzir resultados benéficos, apesar dos desvios ocorridos em cerca de dezoito séculos da presença da Mensagem Cristã na Terra.

As ciências, de outro lado, apesar de contribuírem com muitos conhecimentos novos para o progresso de toda a Humanidade, deixaram-se dominar pelo materialis-

mo de múltiplas faces, com graves prejuízos para a realidade do espírito, o outro elemento do Universo, ao lado da matéria.

O aparecimento de diversas correntes filosóficas materialistas nos últimos séculos da história humana foi outro fator a justificar a presença do Consolador no mundo.

Essas ocorrências mostram, com clareza, as razões pelas quais o Governador Espiritual da Terra, sempre atento ao seu progresso, escolheu o século XIX para o advento de uma Nova Luz a iluminar os caminhos da sua evolução – o Espiritismo, com suas revelações novas sobre a vida futura e as necessárias retificações dos erros ocorridos.

Com a nova ciência evidenciando-se a existência e a natureza do mundo espiritual e seu relacionamento com o mundo material, aclarando e explicando o sentido da vida e de muitos ensinamentos do Cristo que permaneciam ininteligíveis, por falta de conhecimentos da realidade espiritual presente em todo ser humano.

•

A Terceira Revelação aclara muitos dos ensinamentos do Mestre Incomparável constantes dos Evangelhos e que foram interpretados de conformidade com as tradições e com os interesses das instituições humanas criadas à sombra do Cristianismo.

Assim como o Cristo declarou que não vinha destruir a lei antiga, mas, sim, dar-lhe cumprimento, vale dizer, mostrar sua real significação, interpretada pelos fariseus e

saduceus de conformidade com suas tradições e com seus interesses, também a Doutrina Espírita vem retificar a compreensão dos Evangelhos, restabelecendo o entendimento correto da lei de amor, justiça e caridade, que sintetiza todas as leis morais.

Para que prevaleça o amor, o perdão, o esquecimento das ofensas, a aceitação do semelhante, há necessidade do retorno ao Cristianismo do Cristo, deturpado, mal interpretado e imposto pela tradição das Igrejas em práticas variadas que se distanciam dos ensinamentos do Mestre.

Mais importante que as manifestações religiosas exteriores é o resguardo dos pensamentos e ações que conduzem ao amor a Deus e ao próximo. É conservar os melhores sentimentos, repartindo-os cada criatura com seus companheiros de jornada, para que a compreensão e a paz sejam sempre preservadas.

Tanto com relação às leis antigas, prescritas no Velho Testamento, quanto com referência aos ensinamentos do Cristo, acrescentaram-se, no decorrer dos séculos, determinadas tradições, aceitas por sucessivas gerações, que se transformaram em usos, costumes e vivências, confundidos com os preceitos originais.

Dessa forma, ao lado das Revelações Divinas, encontram-se os aditamentos humanos, tradicionais, confundidos com as prescrições superiores mas que, de certa forma, alteram sua significação.

Compulsando-se a história da Igreja, percebe-se que, a partir dos primeiros séculos do Cristianismo, foram estabelecidas normas, re-

gras e dogmas, nos múltiplos Concílios, os quais deveriam ser obedecidos e praticados pelos cristãos, transformando-se em costumes e tradições, com prejuízo dos ensinamentos originais.

É admirável a prescrição do Cristo na síntese – “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” – como norma superior e invariável, capaz de dirimir quaisquer dúvidas no entendimento da lei e na sua vivência.

É o Amor Soberano a sobrepor-se a quaisquer situações duvidosas sobre como devemos agir e sentir, já que o amor ao nosso Criador é um imperativo para todas as criaturas em relação àquele que nos deu o ser; e o amor aos nossos semelhantes, sem exclusão de ninguém, deve ter como base o amor a nós mesmos, que nos é inato.

“Toda planta, que meu Pai celestial não plantou será arrancada.” (Mateus, 15:13.)

As palavras de Jesus, embora alegóricas, não deixam dúvida sobre a necessidade de preservar o superior, o divino, das alterações e adições humanas, que só trazem prejuízos aos próprios homens.

A advertência de Jesus aos fariseus aplica-se perfeitamente aos tradicionalistas da época atual, que se preocupam com os preceitos humanos criados por suas igrejas, esquecendo-se da essência das revelações sucessivas, trazidas pela Espiritualidade Superior ao tempo de Moisés, do Cristo de Deus e do Espírito de Verdade.

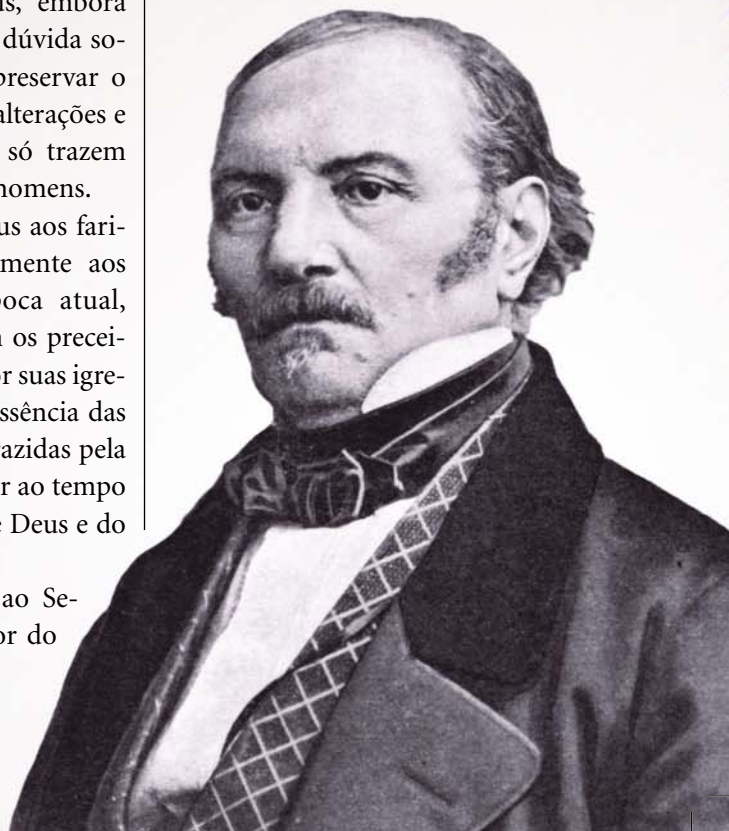
O culto verdadeiro ao Senhor da Vida, o Criador do

Universo, e ao seu filho, o Cristo, Governador deste Orbe, há que partir do sentimento puro dos corações, sem necessidade da interferência de tradições oriundas dos usos e costumes humanos, traduzidos geralmente por honras exteriores.

O amor a Deus e ao próximo, na síntese inigualável do Cristo, desdobra-se nos sentimentos de justiça, de fraternidade e de solidariedade para com todos os semelhantes e na aceitação de nossos irmãos tais como são, embora nem sempre possamos concordar com seus pensamentos e ações.

O Espírito de Verdade e a plêiade de Espíritos Superiores, tal como já fizera antes o Cristo, vieram restabelecer a prevalência do espírito sobre a matéria, a afabilidade e a benevolência de todos para com todos, a indulgência para com as imperfeições alheias e o perdão das ofensas. ■

Espiritismo: Terceira Revelação



De vez em quando

RICHARD SIMONETTI

Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que lhe pedem. Seu poder cobre a Terra e, por toda a parte, junto de cada lágrima colocou Ele um bálsamo que consola. A abnegação e o devotamento são uma prece contínua e encerram um ensinamento profundo. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. Possam todos os Espíritos sofredores compreender essa verdade, em vez de clamarem contra suas dores, contra os sofrimentos morais que neste mundo vos cabem em parte. Tomai, pois, por divisa estas duas palavras: devotamento e abnegação, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõem. O sentimento do dever cumprido vos dará repouso ao espírito e resignação. O coração bate então melhor, a alma se asserena e o corpo se forra aos desfalecimentos, por isso que o corpo tanto menos forte se sente, quanto mais profundamente golpeado é o espírito.

Essa manifestação, que consta

do capítulo VI, item 8, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, é assinada pelo *Espírito de Verdade*.

Enfatiza a presença de Deus no Universo, consolo dos aflitos, amparo dos desvalidos.

Nos séculos passados floresceu a idéia do panteísmo, segundo a qual Deus seria o somatório universal, isto é, o Universo seria o corpo de Deus e nós seríamos átomos divinos, parte do Criador.

O Espiritismo nos ensina que não é bem assim. Deus é a consciência cósmica do Universo, o Cérebro Criador. Está em tudo e em todos, sustentando a vida e a harmonia do Universo, mas não somos substância dele. Apenas suas criaturas.

Jesus simplifica.

Deus é o Nosso Pai, de infinito amor e misericórdia, que nos ama desde o princípio e nos conduz pelas veredas da justiça, como ensina o salmista.

Por isso, Evangelho significa Boa Nova. A notícia de que te-

mos alguém muito poderoso, todo bondade e solicitude, a cuidar de nós.

•

Se acreditamos nessas afirmativas, se estamos conscientes da presença divina, por que, frequentemente, nos sentimos combalidos e tristes, amargurados e perturbados?

É um tanto contraditório, como alguém que tem uma despensa cheia de alimentos e reclama que está com fome.

Isso ocorre porque a nossa fé situa-se um tanto precária, fé para os dias felizes, quando tudo corre bem.

Se surgem atribulações, vacilamos.

É preciso, portanto, fortalecer a fé.

Como? Frequentando mais as casas religiosas, orando mais, lembrando mais de Deus?

Tudo isso pode ser bom, mas não é suficiente. Falta algo, exatamente o que destaca o *Espírito*

de Verdade: abnegação e devotamento.

A verdadeira oração, sempre presente, como se fora uma respiração espiritual, que nos habilita à permanente comunhão com Deus, não é feita de palavras, mas desses dois sentimentos, que precisamos definir bem, até para que possamos exercitá-los.

Primeiro a abnegação. Explica o dicionário:

Ação caracterizada pelo desprendimento e altruísmo, em que a superação das tendências egoísticas da personalidade é conquistada em benefício de uma pessoa, causa ou princípio.

Simplificando.

Abnegação seria o esforço por vencer o egoísmo, exercitando a iniciativa de fazer algo em favor do bem comum.

Aqui há uma dificuldade: o ser humano é um *de-vez-enquandário*.

O médico conversa com o paciente.

– Sua pressão está alta. O senhor está com o peso acima do normal. Os índices de colesterol são ruins. Tem feito regime alimentar, como lhe recomendei, evitando alimentos gordurosos e calóricos?

– De vez em quando, doutor. Não resisto à picanha e aos doces.

– Exercícios físicos e respiratórios?

– De vez em quando. Acho enjoado.

– Cuida de trabalhar com dis-

ciplina, observando horários de repouso?

– De vez em quando. Há mil coisas a fazer!

– Dorme oito horas diárias?

– De vez em quando. Não resisto aos filmes na madrugada.

– Então, meu amigo, de vez em quando você vai ter problemas de saúde, culminando, provavelmente, com uma dor no peito muito forte, em enfarte fulminante, quando a morte, que não é *de-vez-enquandária*, o carregará de vez para o Além.

Algo semelhante acontece com a abnegação.

Não vale cultivá-la de vez em quando.

– De vez em quando atendo o pobre que bate à minha porta...

– De vez em quando tolero as impertinências da minha sogra...

– De vez em quando não mando alguém que me aborreceu para o diabo que o carregue...

– De vez em quando peço perdão por uma má palavra...

– De vez em quando trabalho como voluntário numa instituição filantrópica...

– De vez em quando participo de um grupo de trabalhos mediúnicos...



Imaginemos uma empresa de eletricidade que forneça energia elétrica à cidade, de vez em quando...

Que transtorno para a geladeira, o cozido, a novela, o banho quente, a iluminação noturna... Tudo imprevisível!

Perdemos a sintonia com Deus porque apenas de vez em quando cultivamos abnegação, algo que deveria ser de *vez em sempre*.

•

Para superar o comportamento *de-vez-enquandário*, no cultivo da abnegação, há o outro sentimento recomendado pelo Espírito de Verdade – o devotamento, assim definido pelo dicionário:

Qualidade de quem se dedica em favor de alguém ou de uma causa.

Quando aliamos a abnegação, o desejo de servir, ao devotamento, o servir com dedicação, a vida flui melhor em nossas veias e somos capazes de todos os sacrifícios e renúncias em favor do bem comum.

Temos marcante exemplo na figura da mãe.

Naturalmente abnegada, porque responsável por alguém que lhe é inteiramente dependente, será a devoção ao filho que lhe sustentará energia sem fim, disposta a ver no bem-estar dele o *espelho em que se mira afortunada, luz que lhe põe nos olhos novo brilho*, conforme a expressão feliz de Coelho Neto.

Ocorre que os filhos não são nossos, como enfatiza Khalil Gibran, no seu poema famoso – *são filhos da ânsia da vida...*

E um dia eles partem,
batem asas, buscam outros horizontes e sua

própria realização, e fica a mãe com a síndrome do ninho vazio, marcada por insuperável nostalgia, a repercutir negativamente em seus estados de ânimo.

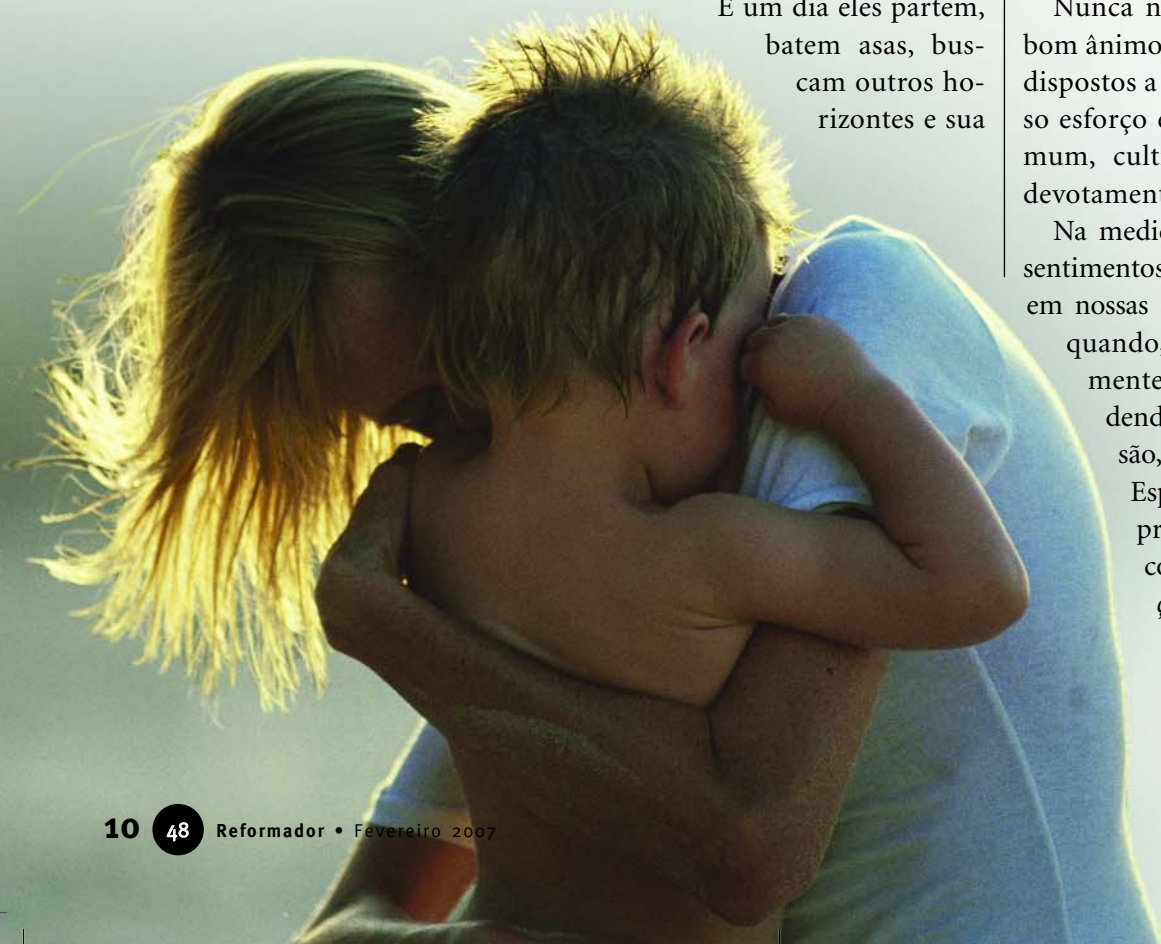
Algo semelhante ao profissional abnegado, que se devota a uma empresa, entregando-se de corpo e alma, centralizando nela todas as suas aspirações. Quando obrigado a afastar-se em virtude da aposentadoria, pela enfermidade ou pelos azares da profissão, cai em depressão, angustia-se como se lhe faltasse o chão.

O devotamento a que se refere o Espírito de Verdade não deve limitar-se aos cuidados humanos em relação à família ou à profissão.

É preciso ir além, buscando as realizações divinas, no campo do bem e da verdade.

Nunca nos faltarão energia e bom ânimo enquanto estivermos dispostos a dar o melhor de nosso esforço em favor do bem comum, cultivando abnegação e devotamento.

Na medida em que esses dois sentimentos estiverem presentes em nossas ações, não de vez em quando, mas permanentemente, iremos compreendendo, em toda sua extensão, o que quis dizer o Espírito de Verdade ao proclamar que com esse comportamento *o coração bate melhor, a alma se torna tranqüila e o corpo se isenta de seus males*. ■



Entrevista LAURO DE O. SÃO THIAGO

Uma vida dedicada à Homeopatia e ao Espiritismo

Lauro de Oliveira São Thiago relata oportunos fatos sobre sua família – pioneira do Espiritismo em Santa Catarina e colaboradora da FEB desde os seus primeiros anos –, e ainda sobre sua atuação como médico-homeopata e dirigente da FEB

Reformador: *Como se tornou espírita?*

Lauro: Em verdade, propriamente não me tornei espírita, pois nasci espírita no seio de uma das mais antigas e maiores famílias cristão-espíritas do Brasil. Meu tio-avô Polidoro Oliveira de S. Thiago, engenheiro, jornalista e político, que chegou a vice-governador de Santa Catarina, passou a estudar o Espiritismo e a freqüentar a Federação Espírita Brasileira, desde o seu nascedouro, e, em 20 de abril de 1890, fundou a “Assistência aos Necessitados” da FEB, em funcionamento ininterrupto até o presente.

Iniciado na Doutrina Espírita por tio Polidoro, meu avô, Joaquim Antônio de S. Thiago, professor, escritor e político, cuja biografia encontra-se no livro editado pela FEB, *Grandes Espíritas do Brasil*, de autoria do nosso querido Zêus Wantuil, tornou-se um dos pioneiros do Espiritismo no Estado de Santa Catarina, fundando, em 21 de julho de 1895, com

outros confrades, em sua casa na cidade de São Francisco do Sul, o Centro Espírita mais antigo do Estado.

Meu avô Joaquim e sua esposa, Clara Almeida de S. Thiago (vovó Clarinha), professores públicos e espíritas convictos, educaram seus filhos e filhas à luz dos princípios da Doutrina Espírita. Desta forma, meu pai e seus irmãos fundaram novos lares espíritas, onde nascemos eu, meus onze irmãos e meus primos, todos espíritas desde o berço.

Reformador: *Tendo exercido os cargos de secretário de 1970 a 1974 – diretor-substituto de Reformador de 1980 até janeiro de 1983, e a partir de 1980 vice-presidente da FEB, conte-nos um fato importante ligado ao Espiritismo, ocorrido durante esse período?*

Lauro: Foram muitos fatos ligados à consolidação do Espiritismo no Brasil e à sua expansão mundial. Para citar apenas um, reporto-me ao ano de 1984 com as comemorações ocorridas em todo o país para marcar, de forma indelével, o centenário da Federação



Espírita Brasileira. Principalmente as solenidades ocorridas no dia 2 de janeiro, na Sede de Brasília, com o lançamento do carimbo comemorativo, emitido pela Empresa de Correios e Telégrafos, do cartão postal, as mensagens vibrantes e emocionadas de inúmeros confrades e do plano espiritual e a edição histórica de *Reformador*.

Reformador: *Existe algum livro espírita, que tenha influenciado a sua vida?*

Lauro: Neste ponto só posso dizer que todos eles, sem exceção, influenciaram grandemente no aperfeiçoamento gradual de meu caráter.

Reformador: *Dirigindo durante bastante tempo a Biblioteca da FEB, na Av. Passos, e promovendo a sua reabertura em 1973, qual o interesse pelos livros espíritas naquela época e atualmente?*

Lauro: No período em que prestei meus modestos serviços à direção da Biblioteca da FEB, pude constatar dois fatos significativos: o interesse das pessoas pelos livros espíritas e o poder que eles têm de esclarecê-las e integrá-las nas fileiras do Espiritismo. Quanto ao interesse, despertado hoje, pelos livros espíritas, devo dizer que ele supera, em muito, todas as nossas expectativas.

Reformador: *O que representam Allan Kardec e Francisco C. Xavier, na sua opinião, para o Espiritismo?*

Lauro: Allan Kardec, por suas

qualidades morais e sua elevação espiritual, foi e continua sendo o missionário da Terceira Revelação, recebendo de nosso Mestre Jesus a grandiosa tarefa de trazer-nos o Consolador através da Codificação da Doutrina Espírita.

Francisco Cândido Xavier pode considerar-se um admirável instrumento dos Espíritos elevados que vieram completar e consolidar a obra de Kardec, no Brasil e no Exterior, com vistas à implantação definitiva de um mundo regenerado e feliz.

Reformador: *O que acha da mídia, nos assuntos ligados ao Espiritismo atualmente?*

Lauro: É a demonstração mais evidente do interesse que o Espiritismo vem progressivamente despertando em toda a comunidade humana.

Reformador: *Qual foi a contribuição da sua família, começando pelo seu pai, para sua evolução como espírita?*

Lauro: A família tem sido a grande escola onde, progressivamente, venho burilando o meu espírito das imprudências do passado, com vistas a tornar-me modesto obreiro de nosso Divino Mestre.

Com meu pai, Arnaldo Claro de S. Thiago, adquiri profundos conhecimentos da Doutrina, fortaleci minha convicção, aprendi a defender a causa espírita com energia e amor e entendi que verdadeiro espírita é o que exemplifica, na prática diária da vida, os postulados do Mestre Jesus. Com

minha mãe, Maria Eugênia de Oliveira S. Thiago, aprendi as lições da humildade, da brandura, da doação, do amor ao próximo, da renúncia e do devotamento à família.

Com meus tios, primos, irmãos e irmãs, vivi as lições da igualdade, da fraternidade e da liberdade responsável.

Com minha querida esposa, Neide Costa Pereira de S. Thiago, vivi os momentos mais importantes da minha vida e aprendi o significado maior do verdadeiro amor, além de ter podido estudar o fenômeno da mediunidade prolongada e detalhadamente. A ela todo o meu carinho e gratidão. Aos meus filhos, filhas, genros, noras, netos e bisnetos devo a graça de ter constatado o imenso papel desempenhado pela educação cristã-espírita na obra de redenção da Humanidade.

Reformador: *Teve alguma atuação efetiva em Instituição Espírita?*

Lauro: Participei da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, fazendo atendimento ambulatorial semanalmente e durante algum tempo presidindo-a. Fui professor do Instituto de Cultura Espírita, fundado por Deolindo Amorim.

Fui fundador, juntamente com meu pai, do Centro Espírita Bezerra de Menezes, do Andaraí, do qual sou presidente e médico há várias décadas.

Reformador: *E com relação à Homeopatia?*

Lauro: Abracei a doutrina médica de Samuel Hahnemann a partir de minha formatura, como médico, pela Faculdade Nacional de Medicina, há sessenta e cinco anos, exercendo ininterruptamente atividade de médico-homeopata até hoje. Pela manhã, atendendo os pacientes ambulatoriais do Centro Espírita Bezerra de Menezes, do Andaraí, e à tarde os de minha clínica particular. Sou membro efetivo do Instituto Hahnemanniano, do qual fui por muitos anos orador. Meu amor pela Homeopatia pude expor em modesto opúsculo, publicado pela FEB, intitulado *Homeopatia e Espiritismo*.

Reformador: *Como se integrou à FEB? E em que tipo de atuação?*

Lauro: Comecei na FEB como simples assistente nos seus ambulatórios de assistência médica-clínica; posteriormente, passei a fazer parte de sua diretoria como terceiro secretário, chegando a vice-presidente.

Reformador: *Quais fatos relevantes destaca na sua convivência com presidentes da FEB?*

Lauro: Com todos eles sempre mantive laços de plena amizade e solidariedade fraternal. O fato relevante para mim, é que pude conviver com Espíritos preparados para a grande tarefa de manter o vigor e a exuberância da Federação Espírita Brasileira com vistas ao papel que esta Instituição desempenha no presente e desempenhará no porvir.

Reformador: *Como analisa a expansão editorial da FEB?*

Lauro: A expansão editorial é o resultado do excelente trabalho desenvolvido por toda a equipe do Departamento Editorial, dos diretores aos funcionários mais humildes e o apoio incondicional da presidência e demais membros da equipe dirigente.

Reformador: *E o interesse pelos nossos livros no Exterior?*

Lauro: Esse interesse é crescente, demonstrando o papel que o livro espírita e a Federação Espírita Brasileira, através de seu De-

partamento Editorial, estão fadados a desempenhar na grandiosa obra de regeneração da Humanidade.

Reformador: *Qual a sua mensagem a propósito das comemorações do Sesquicentenário do Espiritismo?*

Lauro: A todos os confrades, envolvidos nas comemorações do Sesquicentenário do Espiritismo deixamos as mais sinceras expressões de apoio e de júbilo pela forma vibrante, responsável e dedicada com que estão preparando tão justas comemorações. ■

Riqueza intocada

Tudo sofre na Terra implacável mudança,
Pólo a pólo, alma a alma, em ritmo profundo,
Mês a mês, dia a dia e segundo a segundo,
A vida se refaz, aprimora-se e avança.

Reflete no museu onde a História descansa.
Bronzes, troféus, brasões, em repouso infecundo,
Mostram que a pompa humana é cinza para o mundo
Ontem, púrpura e sol; hoje, trapo e lembrança...

Força, fama, ilusão, graça, beleza e glória
Caem da ostentação da senda transitória
Nos arquivos do tempo – o eterno sábio mudo!...

Uma riqueza só permanece intocada,
A riqueza do bem que esparziste na estrada,
Luz a esperar-te além da alteração de tudo.

Dario Veloso

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Poetas redivivos*. Diversos Espíritos. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Cap. 27, p. 52.

 Capa

Tendências: Reflexos do passado

A. MERCI SPADA BORGES

A reencarnação não apaga as experiências adquiridas no pretérito; apenas as encobre com o véu do esquecimento, a fim de que o indivíduo possa prosseguir, sem interferências diretas, a sua jornada evolutiva. Na busca constante de novos conhecimentos, o Espírito completará o seu aprendizado ao longo das eras.

O ser humano, a cada encarnação, enfrentará as vicissitudes que definirão o seu aprimoramento. Se bem-sucedido, incorporará novas conquistas; se derrotado, árduas lutas se travarão entre os verdadeiros e falsos valores incorporados.

Jesus apresenta ao homem a fórmula segura para alcançar os seus objetivos sem tomar pelos atalhos:

“Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaço, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. [...]

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino

dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que *está* nos céus”. (Mateus, 7:13 e 21.)

Portanto, todo aquele que direciona a vontade pelos caminhos do estudo, do trabalho digno, do respeito a Deus e aos semelhantes, consegue enriquecer o espírito de bens perenes. Estes bens são conquistas que o tempo jamais apagará.

Experiências adquiridas ficam impressas nos arquivos mentais do Espírito e acompanham-no ao longo das reencarnações, razão pela qual a criança revela tendências incompreensíveis àqueles que desconhecem as leis da reencarnação. De tempos em tempos a mídia revela crianças-prodígio que apresentam o dom da música e se identificam com certos instrumentos sem qualquer aprendizado anterior. Outras encontram tanta intimidade com os números a ponto de realizar cálculos impossíveis de se conceber na faixa etária em que se encontram. Não é raro observar crianças mal saídas do berço que já revelam

tendências agressivas e paixão por armas. São tendências que demonstram seu cabedal de experiências adquiridas em outras vidas. Algumas delas se manifestam logo na primeira idade; enquanto outras podem vir à tona em momentos marcantes da vida. Os pais, geralmente, assistem, atônitos, a seus adoráveis rebentos revelarem caráter agressivo ou dócil; confiante ou temeroso; obediente ou revoltado; amoroso ou arredio. Se os genitores apresentam traços semelhantes, certamente se convencerão de que a virtude ou a falha moral, que se manifesta no seu descendente, é de origem hereditária. Daí se ouvir certos refrões: “Aquele menino puxou o gênio do pai, ou a inteligência da mãe”; “Aquele outro tem a agressividade do seu avô”. Há características que em nada se assemelham às dos seus familiares.

O Espiritismo faz luz sobre a diferença entre a hereditariedade e as tendências inatas. Assim, os traços físicos que se assemelham aos dos familiares, como a cor dos

olhos, da pele, dos cabelos; compleição física e outros tantos traços, próprios do corpo carnal, pertencem à lei da hereditariedade, pois sua origem está nos elementos biológicos herdados de seus antecessores, os quais compõem a vestimenta material. No entanto, se a criança apresenta deficiências físicas, congênitas ou, até certo ponto, adquiridas, não se pode dizer que são heranças biológicas e sim os reflexos atuais de mazelas que foram armazenadas em vidas anteriores, pelo Espírito que reenarna para cumprir expiação voluntária ou compulsória, a fim de quitar seus débitos com a lei. Entretanto, a hereditariedade pode colaborar para que a lei se cumpra.

As características psicológicas inatas não são heranças que se transmitem de pais para filhos. São, sim, conseqüências de créditos ou débitos adquiridos pelo Espírito em encarnações precedentes. Determinadas tendências que caracterizam o indivíduo podem apresentar semelhanças com as apresentadas por seus genitores. Todavia, se esses traços não foram adquiridos nesta vida, pelos veículos da educação ou do exemplo, certamente se explicam pelas leis da reencarnação. Os dons semelhantes se revelam pela afinidade existente entre famílias espirituais. Há grupos que partilharam, em outras vidas, ou no plano espiritual, experiências afins. Assim, um ou mais membros de uma mesma família podem ter vivenciado situações pretéritas em que todos ou parte deles per-

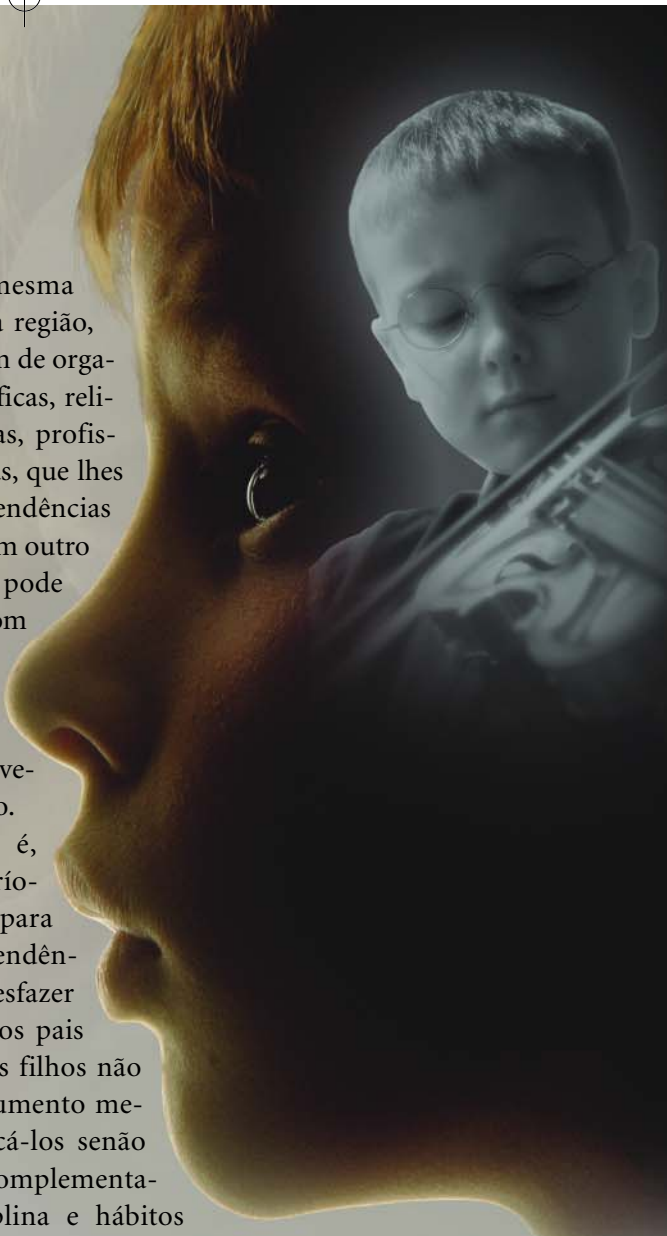
tenceram à mesma família, mesma região, ou participaram de organizações científicas, religiosas, artísticas, profissionais, políticas, que lhes propiciaram tendências semelhantes. Um outro grupo familiar pode se identificar com guerreiros, desordeiros, viciosos com os quais conviveram no passado.

A infância é, portanto, o período apropriado para se reforçar as tendências boas e desfazer as infelizes. E os pais que amam seus filhos não possuem instrumento melhor para educá-los senão o Evangelho, complementado pela disciplina e hábitos saudáveis. Este é o mecanismo para a educação moral do ser em formação.

O insigne Codificador expõe o processo educativo ideal:

“[...] Há um elemento, [...] sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a *educação*, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, à que *incute hábitos*, porquanto, *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. [...]”. (*O Livro dos Espíritos*, questão 685, comentário de Kardec.)

É importante ressaltar que o renascimento não ocorre aleatoriamente, há sempre uma programação com finalidade útil para o Espírito nascente. Portanto, reencarnar não tem por objetivo único cumprir provas e expiações, mas, sobretudo, promover o crescimento do Espírito. Quanto maior o crédito acumulado, mais curto se torna o caminho que conduz aos ideais superiores. Daí a responsabilidade dos pais de investir na educação, no aprimoramento moral dos filhos, ainda no período infantil, a fim de que a reencarnação deles



Capa

seja proveitosa. Esse é o caminho para que o Espírito cresça de conformidade com os padrões morais evangélicos e, no momento aprazado, retorne à vida espiritual com o futuro consolidado nas leis divinas.

A Doutrina Espírita, alicerçada no Evangelho de Jesus, propõe ao homem o trabalho constante de sua escultura moral.

Aceitar a hereditariedade como causa das insuficiências morais é duvidar da Justiça Divina. A lei da reencarnação é a expressão mais justa da misericórdia do Criador para com suas criaturas. É a oportunidade de desfazer enganos e apagar delitos; de refazer amizades e ampliar vínculos no equilíbrio de energias afins; de se reconstruir o que se destruiu em existências anteriores. É oportunidade de crescer. Afirmar Kardec: *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.* (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 4.)

Esse é o objetivo primordial da reencarnação. É importante que o ser humano se conscientize de que nenhuma educação, nenhuma aquisição moral se efetiva sem perseverança, sem esforço, sem Evangelho. A conquista da luz interior só se alcança com muito suor e lágrimas.

Jesus legou ao homem o mais perfeito roteiro de vida: o seu Evangelho, programado para se projetar futuramente no Conso-lador, que floresceu na Doutrina

Espírita. É preciso valorizar esse tesouro.

Para o Espírito recalcitrante, cujos instrumentos educacionais não surtem o efeito desejado, um outro se apresenta infalível: a dor.

Nesse mecanismo de conquistas e aquisições, ou quedas e sofrimentos, de acordo com as leis da vida, a hereditariedade pode colaborar para a realização desse feito. Assim, o *conjunto de hábitos* morais e intelectuais, adquiridos e aprimorados por uma educação bem direcionada, se agregam às tendências inatas arquivadas ao longo do carreiro evolutivo, e jamais se perderão com a desintegração da matéria.

Um físico saudável é benesse adquirida em vivências de equilíbrio e respeito à veste carnal, enquanto que um corpo doente reflete os abusos e vícios cultivados. É, pois, a lei da hereditariedade que faculta esta tarefa. Uma mente prodigiosa revela as conquistas encetadas ao longo de muitas encarnações. Porém, somente um Espírito evangelizado irradiará a paz das conquistas sedimentadas nos celeiros de obras realizadas em sincronia com as leis divinas.

Esta realidade, revelada pela Doutrina dos Espíritos, é o cerne da semente plantada pelo Divino Lavrador. ■

Ouve

Escuta! Enquanto a paz da oração te domina,
Qual melodia excelsa, a fremir, doce e mansa,
Há quem padeça e morra à míngua de esperança,
Rogando amparo, em vão, no lençol de neblina.

Ouve! A sombra tem voz que clama e desatina...
É a provação que ruge... A dor que não descansa...
Desce do pedestal da fria segurança,
Transfigura a bondade em fonte cristalina.

Estende o coração!... Serve, instrui, alivia...
Das sementes sutis de ternura e alegria
Prepararás, agora, o jardim do futuro...

Um dia, voltarás à pátria de onde vieste
E apenas colherás na luz do Lar Celeste
O que dás de ti mesmo ao solo do amor puro.

Amaral Ornellas

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Antologia dos imortais*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 49.



Presença de **Chico Xavier**

Lições do momento

Deus é amor invariável e o amor desafvela os grilhões do espírito.

Se há repouso na consciência, a evolução da alma ergue-se, desenvolta, dos alicerces insubstituíveis do sacrifício.

Quem não se bate pelo bem, desce imperceptivelmente para as fileiras do mal.

Junto à correção sempre existe o desacerto, exaltando o mérito do dever na conduta digna.

Identifique, na dificuldade, o favor da Providência Divina para dilatar-lhe a paz, sentindo, no imprevisto da experiência mais grave, o fulcro de incitamento à perseverança na boa intenção e vendo, na tibiez de quantos imergiram na invigilância, o exemplo indelével daquilo que não deve ser feito.

Quanto maior a sombra em torno, mais valiosa a fonte da luz.

Desse modo, a alegria pura viceja entre a dor e o obstáculo; a resignação santificante nasce em meio às provas difíceis; a renúncia intrépida irrompe no seio da injustiça das emulações acirradas, e a pureza construtiva surge, não raro, em ambiente de viciação mais ampla.

Eis por que, em seu círculo pessoal, se entrecruzam mensagens importantes e diversas a lhe doarem o estímulo e a consolação, o entendimento e a clareza de que você carece para ajustar-se espiritualmente, através das lides variadas de cada instante.

O chefe irritadiço é instrumento providencial da corrigenda.

O companheiro problemático deixa-nos livre caminho à sementeira da fraternidade sem mescla.

O engano é precioso contraste a ressaltar as linhas configurativas da atitude melhor.

A tortuosidade do caminho demonstra a excelência da estrada reta.

Faça, pois, do momento que transcorre, a lição

recolhida para o momento a transcorrer, verificando quantas vezes, em vinte e quatro horas, você é requisitado a auxiliar os semelhantes, e não regateie cooperação.

Na oficina de trabalho, buscam-lhe a gentileza no amparo de muitos corações que se sentem ao desabrigo.

Na via pública, esbarram-lhe o passo, companheiros que vão e vêm buscando encontrar o sorriso que você pode ofertar-lhes como incentivo à esperança.

No recesso do lar, o alvorecer encontra-lhe a presença, em novas possibilidades de exaltar a confiança nos Desígnios da Altura.

Na conversação comum, requisições ostensivas auscultam-lhe a disposição de estender conhecimento e virtude, na enfermagem das chagas morais entrevistadas na modulação das vozes e nos traços dos semblantes, afora variegados ensejos de assistir o próximo, a lhe desafiar a eficiência e a vigilância, tais como a necessidade interior estampada no silêncio do visitante, o azedume do colega menos feliz, o doente a buscar-lhe os préstimos, o sofredor a rogar-lhe compreensão, a abordagem da criancinha desvalida, a surpresa menos agradável, a correspondência a exigir-lhe a atenção ou o noticiário intranquilo que a imprensa propala.

Pureza inoperante é utopia igual a qualquer outra, e, em razão disso, ignorar a poça infecta é manter-lhe a inconveniência.

Não menospreze, assim, a lição do momento, na certeza de que renovamos idéias, experiências e destinos, cada dia, segundo as particularidades das manifestações de nosso livre-arbítrio.

Pelo Espírito **André Luiz**

Fonte: XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 28, p. 72-74.

Capa

Casos de evidências de reencarnação

ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

Durante estada para compromisso doutrinário na Inglaterra, entramos em contato com informações sobre um caso de lembrança de vida passada que tem despertado atenções da mídia britânica.

Trata-se do menino Cameron Macaulay, de seis anos, residente em Clydebank, Glasgow (Escócia). Este menino passou a comentar sobre uma outra mãe, mais velha, as paisagens de outra localidade que ele chamava Isle of Barra (Escócia), a 160 milhas de distância de sua cidade, e a descrever outra moradia. Seria uma casa branca, com três banheiros, e da janela de seu quarto teria visão para o mar. Sua mãe Norma declarou: “Ele fala de seus antigos parentes, como seu pai faleceu, e de seus irmãos e irmãs”. Norma, de início, pensou que se tratasse da imaginação infantil, mas quando o menino passou a freqüentar a escola, os comentários e informações dife-

rentes de seu contexto de vida começaram a preocupar principalmente seus professores. Estes entraram em contato com a família de Cameron. Os episódios

ma: “Ele também falou sobre um grande livro que utilizava para ler, e sobre Deus e Jesus. [...] Nós não somos uma família religiosa, mas sua família de Barra era”. Na seqüência, ocorreram consultas a profissionais da saúde, culminando com a indicação de um deles para que a família de Cameron procurasse um profissional que trabalhasse com casos similares. Foi quando fizeram consultas com o psicólogo Jim Tucker, de Virgínia, conforme comentou a Sra. Norma Macaulay: “Ele se especializou em reencarnação e tem pesquisado outras crianças”. Este último profissional assumiu a orientação do caso, recomendando à família que realizasse registros das observações de Cameron, culminando com a viagem, realizada em fevereiro de 2006, à Baía de Cockleshell, próxima a Glasgow. Ao chegarem a Isle of Barra – a localidade citada pelo menino –, desconhecida de todo



Cameron no programa de TV

deixaram a família atônita. Continuaram a surgir detalhes e o menino comentava que sua antiga família era religiosa, diferente da atual. Relatou sua mãe Nor-

Capa



Cameron diz ser esta a casa onde viveu

o grupo familiar, depois de algumas buscas infrutíferas, receberam a indicação do Hotel onde poderia haver uma casa branca junto a uma baía, que teria pertencido à família Robertson. Ao chegarem com Cameron ao local indicado, surpresos, passaram a constatar os informes relatados pelo menino. Colheram dados sobre os antigos proprietários, entre os quais se incluía uma senhora já falecida. Nas pesquisas subsequentes encontraram fotos que coincidiam com informações dadas por Cameron, sobre um automóvel preto e um cão preto e branco. Outro fato interessante relatado pela mãe: “Quando pergunto-lhe qual era seu nome antes, ele responde: É Cameron. Ainda sou eu”.

Esse caso mereceu reportagem de página inteira de autoria da jornalista Yvonne Bolouri, no periódico londrino *The Sun* – “The boy who lived before” –, Londres, 8/9/2006, p. 38-39), e documentário no programa de TV “Five on Monday”, no dia 18/9/2006.

Curiosamente um outro episódio, transcorrido na Inglaterra nos anos 90, vem à tona na atualidade, em virtude do lançamento no Brasil do filme e DVD “Minha Vida na outra Vida”. Este filme é inspirado num fato real e foi adaptado do livro *As Crianças de Ontem (Yesterday's Children)*, depoimento da britânica Jenny Cockell, nascida em 1953 e que, em 1990, começa a ter visões da sua última encarnação nos primeiros anos da década de 30. Surgem detalhes de seu relacionamento, como Mary, com os antigos filhos e o difícil marido. Mary desencarnou em 1932, em decorrência de parto e, pelo fato de seu marido ser alcohólatra e violento, em desespero, o filho mais velho entregou os irmãos a um orfanato dedicado à adoção de menores. Jenny Cockell, intrigada com as visões, mas contando com a cooperação de seu marido e do filho adolescente, procurou apoio de profissionais da saúde e recebeu a orientação para a averiguação dos fatos. Dirigiram-se à cidade da Ir-

landa, que via nos sonhos e descrevia aos familiares, e passaram a procurar os locais a que ela se referia e também a família dos anos 30. Depois de minuciosa procura em registros e entrevistas com pessoas mais idosas, acabaram localizando o filho mais velho de Mary, o mais ligado a ela, agora na faixa dos 70 anos.

Vários episódios das visões de Jenny foram constatados e facilitaram as identificações, a partir das entrevistas com o surpreso e assustado filho mais velho de Mary. Em seguida, foram localizados os demais filhos de Mary, restabelecendo-se contatos entre os irmãos já envelhecidos, separados após as adoções que se seguiram à morte da mãe.

O depoimento de Jenny Cockell é surpreendente e contribui para os estudos sobre evidências de reencarnação. No filme, produzido nos Estados Unidos, com algumas alterações de finalidades comerciais, Jenny é interpretada pela atriz Jane Seymour. Este filme tem valor também histórico, pois pela primeira vez um filme retrata um caso real de reencarnação (www.dvdversatil.com.br).

Os dois casos recentes da Grã-Bretanha se somam a milhares de outros estudados em várias partes do mundo, relacionados com memória de vidas anteriores e marcas de nascimento. Nos anos 70, o Dr. Hemendra Nath Banerjee (1929-1985), da Índia, se destacou neste tipo de pesquisa. Em seguida, notabilizou-se o Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia (EUA),



Capa do DVD:
Minha Vida na outra Vida

autor de inúmeros artigos e de vários livros, inclusive de *Reencarnação e Biologia: Uma Contribuição à Etiologia das Marcas e Defeitos de Nascimento* (*Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects*, Praeger Publishers, 1997) com 2.080 páginas e em dois volumes. Em nosso país, Hernani Guima-

rães Andrade (1913-2003) também se dedicou ao estudo de casos que sugerem reencarnação e publicou a obra *Reencarnação no Brasil* (O Clarim, 1988).

As questões de *O Livro dos Espíritos*, no item “Esquecimento do passado” (cap. VII, Parte Segunda) deixam claras as razões para o esquecimento, mas esclarecem que “[...] muitos sabem, o que foram e o que faziam” (questão 395) e alertam: “Algumas vezes, é uma impressão real; mas também, freqüentemente, não passa de uma mera ilusão, contra a qual precisa o homem pôr-se em guarda, porquanto pode ser efeito de superexcitada imaginação” (questão 396). No capítulo VIII (questão 455), ao comentar sobre os fenômenos do sonambulismo,

do êxtase e da dupla vista, o Codificador chama a atenção para estas vias de obtenção de informações: “Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto.[...]”

O protocolo de pesquisa e o trabalho dos estudiosos sobre reencarnação prevêm a separação das várias situações e influências para se identificar os que realmente passam a ser casos sugestivos ou evidências de reencarnação. Sem dúvida, os casos constatados de vidas passadas representam uma das situações em que se projeta luz para a melhor compreensão da alma humana. ■

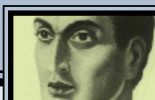
A reencarnação fortalece os laços de família

Os laços de família não sofrem destruição alguma com a reencarnação, como o pensam certas pessoas. Ao contrário, tornam-se mais fortalecidos e apertados. O princípio oposto, sim, os destrói.

No espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas momentaneamente os separa, porquanto, ao regressarem à erraticidade, novamente se reúnem como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, até, uns seguem a outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que se conservam livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os retardatários progridam. Após cada existência, todos têm avançado um passo na senda do aperfeiçoamento. Cada vez menos presos à matéria, mais viva se lhes torna a afeição recíproca, pela razão mesma de que, mais depurada, não tem a perturbá-la o egoísmo, nem as sombras das paixões. Podem, portanto, percorrer, assim, ilimitado número de existências corpóreas, sem que nenhum golpe receba a mútua estima que os liga.[...]

Allan Kardec

Fonte: *O evangelho segundo o espiritismo*. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. IV, item 18.



Esflorando o **Evangelho**

Pelo Espírito **Emmanuel**

Mar alto

“E, quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar.”
(LUCAS, 5:4.)

Este versículo nos leva a meditar nos companheiros de luta que se sentem abandonados na experiência humana.

Inquietante sensação de soledade lhes corta o coração.

Choram de saudade, de dor, renovando as amarguras próprias.

Acreditam que o destino lhes reservou a taça da infinita amargura.

Rememoram, compungidos, os dias da infância, da juventude, das esperanças crestadas nos conflitos do mundo.

No íntimo, experimentam, a cada instante, o vago tropel das reminiscências que lhes dilatam as impressões de vazio.

Entretanto, essas horas amargas pertencem a todas as criaturas mortais.

Se alguém as não viveu em determinada região do caminho, espere a sua oportunidade, porquanto, de modo geral, quase todo Espírito se retira da carne, quando os frios sinais de inverno se multiplicam em torno.

Em surgindo, pois, a tua época de dificuldade, convence-te de que chegaram para tua alma os dias de serviço em “mar alto”, o tempo de procurar os valores justos, sem o incentivo de certas ilusões da experiência material. Se te encontras sozinho, se te sentes ao abandono, lembra-te de que, além do túmulo, há companheiros que te assistem e esperam carinhosamente.

O Pai nunca deixa os filhos desamparados, assim, se te vês presentemente sem laços domésticos, sem amigos certos na paisagem transitória do Planeta, é que Jesus te enviou a pleno mar da experiência, a fim de provares tuas conquistas em supremas lições.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Ed. Especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 21, p. 55-56.

Em dia com o Espiritismo

Células-tronco e congelamento de embriões

MARTA ANTUNES MOURA

Os seres pluricelulares são constituídos de diferentes tipos de células, originárias das células precursoras, denominadas *células-mãe*, *células estaminais* ou *células-tronco* (*stem cells*). São células que produzem os tecidos orgânicos pelo processo biológico de diferenciação celular, geneticamente regulado por genes específicos. As células-tronco são, na atualidade, objeto de complexas e onerosas pesquisas científicas, consideradas úteis no controle de doenças neurodegenerativas, cardíacas, metabólicas, hematológicas, renais, acidentes vasculares cerebrais (AVCs).

As células-tronco são classificadas em dois tipos básicos: embrionárias e adultas. As embrionárias são denominadas *totipotentes* porque podem originar qualquer tecido do organismo, além da placenta e dos anexos placentários. Na fase inicial de desenvolvimento, o embrião é conhecido como *blastocisto*, o qual possui

células *pluripotentes* com a propriedade de formar todos os tecidos, exceto a placenta e anexos. As células-tronco adultas, de diferenciação limitada, são encontradas nos órgãos do corpo, sendo que as mais utilizadas nas terapias são as da medula óssea, placenta e do cordão umbilical.

É mais apropriado o uso de células-tronco adultas cuja terapia, além de não contrariar os princípios da bioética, revela mínima possibilidade de rejeição biológica. Neste sentido, é oportuno destacar a impressionante capacidade das células-tronco localizadas na medula óssea: elas podem diferenciar-se nos nove tipos celulares que circulam no sangue e, também, nas células localizadas nos órgãos linfóides (envolvidos nos mecanismos de imunidade). A renovação celular no sangue é tão intensa que, diariamente, entram na corrente sanguínea cerca de oito mil células novas, provenientes da medula óssea.

O processo de extração de células-tronco embrionárias encontra barreiras éticas devido à morte dos embriões (blastocistos). Esses embriões, quando congelados em nitrogênio líquido por mais de três anos, são considerados excedentes ou inviáveis pelas clínicas de fertilização *in vitro*, ou são formados especificamente para fins de terapias médicas. No Brasil, a Lei Federal 11.105, de 24 de março de 2005, regulamenta as pesquisas na área, permitindo o uso de células-tronco embrionárias para pesquisa e terapia. Durante os trâmites de elaboração dessa lei, causou-nos surpresa a afirmação de alguns colegas da área de saúde que, na tentativa de justificarem a realização de pesquisas com embriões congelados, alegavam (e alegam), como pretensa verdade absoluta, a não-existência de vida no blastocisto, reduzido a mero conceito de simples agrupamento de células, um pré-embrião.

Em sentido diametralmente

oposto, o Espírito André Luiz informa:

“É importante considerar, todavia, que nós, os desencarnados, na esfera que nos é própria, estudamos, presentemente, a estrutura mental das células, de modo a iniciarmos-nos em aprendizado superior, com mais amplitude de conhecimento, acerca dos fluidos que nos integram o clima de manifestação, todos eles de origem mental e todos entretrecidos na essência da matéria primária, o Haus-to Corpuscular de Deus, de que se compõe a base do Universo Infinito”.¹

Ora, se uma célula, germinal ou somática tem estrutura mental, é óbvio que, onde há elementos mentais, existe também vida.

A discussão sobre a destruição dos embriões congelados não é, portanto, banal, que deva ser relegada a plano secundário, sobretudo pelo espírito que, *a priori*, sabe que a união do Espírito ao corpo começa na concepção:

“[...]Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz[...]”²

Os Espíritos Superiores também esclarecem que a ligação, do

laço fluídico perispiritual ao corpo em formação, não é tão superficial como se supõe à primeira vista:

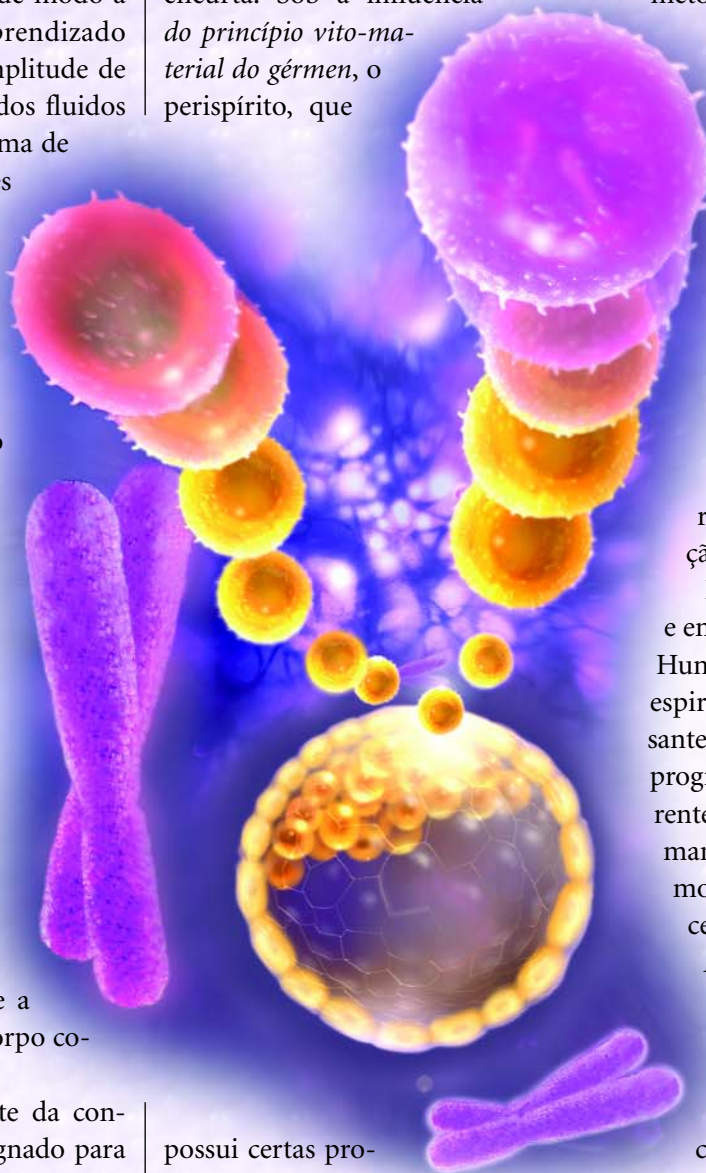
“[...]À medida que o gérmen [embrião] se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito, que

men, como uma planta na terra[...]”³

É preferível, do ponto de vista espiritual, que os casais inférteis, desejosos de ser pais, adotem uma criança ou, se fizerem opção pelos métodos da reprodução assistida, façam a inseminação de todos os embriões congelados, não se comprometendo com a morte de nenhum deles. É preferível, igualmente, que os enfermos se fortaleçam moralmente e suportem as suas doenças provacionais, do que serem beneficiados por terapias responsáveis pela destruição de embriões.

Devemos ter fé em Deus e em Jesus, guia e modelo da Humanidade. Os Benfeitores espirituais trabalham incessantemente em benefício do progresso terrestre, nos diferentes campos do saber humano. É por isso que recebemos como auspiciosa a recente publicação da revista *Nature* (julho de 2007) que faz referência aos promissores resultados de pesquisa realizada por uma equipe de cientistas americanos. Esses pesquisadores conseguiram produzir duas linhagens de células-tronco embrionárias sem causar a morte dos embriões utilizados. O método empregado está em fase experimental, ainda reve-

possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se *enraíza*, de certa maneira, nesse gér-



la-se incipiente, mas representa um avanço científico de valor. Trabalhos dessa natureza demonstram que não nos encontramos no Planeta por conta e risco próprios, mas submetidos a uma direção de ordem superior, sábia, amorosa e justa. Deus concede a todos nós, em caráter particular e coletivo, a proteção de Espíritos guardiões que, sob a orientação de Jesus, velam pelo progresso humano, guiando-nos como faz um pai em relação aos filhos; protegendo-nos na senda do bem, consolando-nos nas aflições e nos levantando o ânimo nas provas da vida.⁴

Aguardemos, pois, confiantes, os avanços da Ciência. É medida de bom senso deixar de lado discussões infrutíferas que questionam a existência, ou inexistência, de um Espírito ligado ao embrião congelado, assim como consultar médiuns para solucionar tal dúvida. Os métodos científicos não fornecem garantias a respeito. Detectam apenas se os embriões são viáveis ou inviáveis, do ponto de vista biológico. O Espiritismo, por outro lado, esclarece que há, sim, possibilidade de ser rompida a ligação que mantém unidos a alma e o corpo, caso o reencarnante, por vontade própria, recuar por temer as provas que escolheu.⁵ Nesse sentido, ocorre um aborto espontâneo ou nascimento de natimorto, se a desistência ocorreu, respectivamente, no primeiro ou últimos trimestres da gestação. Na

situação dos embriões congelados, deduzimos que a integridade (higidez) e a viabilidade do blastocisto, detectadas por técnicas científicas apropriadas, são evidências que falam a favor da presença de um Espírito unido ao corpo em formação.

Necessitamos, na verdade, estudar com mais afinco os postulados da Doutrina Espírita, orientação segura que nos auxilia agir como pessoas de bem, responsáveis e conscientes, aptas a fazer escolhas mais acertadas sem medo de denegrir a consciência e de comprometer a felicidade que nos aguarda nos dias futuros. É preciso, em suma, saber exercitar o “[...]dai, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus” (Mateus, 22:21), pois como nos lembra, acertadamente, o apóstolo Paulo: “Todas as

coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam”. (I Coríntios, 10:23.) ■

Referências:

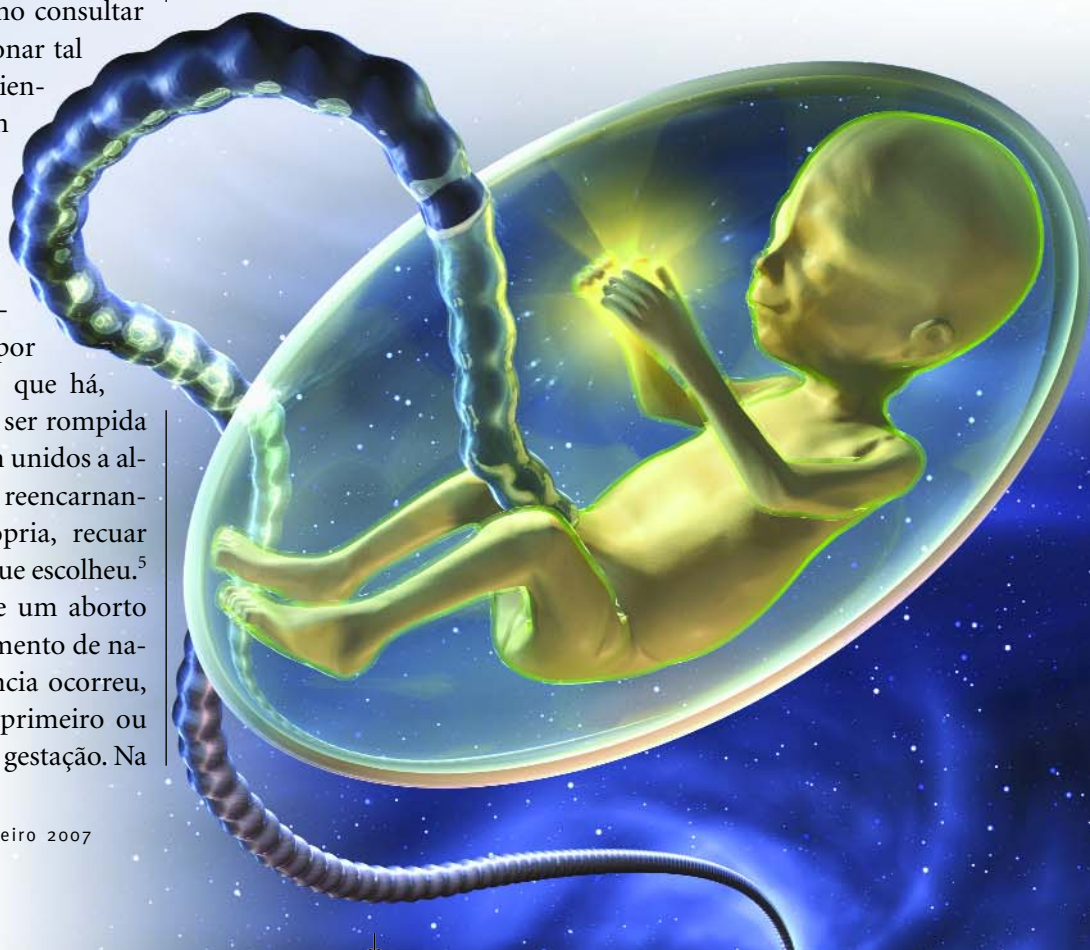
¹XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2, item “Estrutura mental das células”, p. 32-33.

²KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Edição Comemorativa do Sesquicentenário. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 344.

³_____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. XI, item 18.

⁴_____. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Edição Comemorativa do Sesquicentenário. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 491.

⁵*Idem, ibidem*. Questão 345.



FEB no “Fórum Espiritual Mundial”



Aspecto da Mesa: abertura das atividades

A Federação Espírita Brasileira foi uma das parceiras do “Fórum Espiritual Mundial”, organizado pelas entidades União Planetária, Iniciativa das Religiões Unidas e Universidade Holística Internacional, realizado de 6 a 10 de dezembro de 2006, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília. O evento teve como tema central “Valorizando a diversidade para a construção de uma solidariedade planetária”. A FEB participou com estande para divulgação das Campanhas *Família, Vida e Paz*, do folheto “Conheça” da *Campanha de Divulgação do Espiritismo*, e do Sesquicentenário da Doutrina Espírita. O presidente Nestor João Masotti atuou na mesa-redonda “Diálogo entre as Religiões

para a Paz Mundial” e os diretores João Pinto Rabelo e Antônio Cesar Perri de Carvalho participaram, respectivamente, da me-

sa-redonda “A Economia a Serviço da Justiça Social” e do grupo para esclarecimentos sobre Movimento Espírita. ■



Estande da FEB no Fórum

Questão de escolha

IVONE M. M. GHIGGINO

A Doutrina Espírita nos alerta sobre a liberdade que temos de escolher caminhos em nossa vida: é o livre-arbítrio.

Embora muitos desavisados aleguem que essa liberdade é ilusória, devido a tantas imposições da matéria, do mundo moderno, os queridos benfeitores incansavelmente nos esclarecem que podemos sempre selecionar a nossa atitude em presença de qualquer fato ou situação: podemos, a todo

momento, optar por aquilo que sabemos ser o correto ou ceder ante os apelos negativos que ainda permanecem em nós. Exemplo: diante de uma doença séria, desesperamo-nos e revoltamo-nos contra Deus, dificultando todo tratamento que venhamos a fazer, físico ou espiritual... Ou, em contrapartida, elegemos acertadamente optar por confiar na Justiça e na Bondade do Pai, executando a nossa parte tanto no tratamento devido, quanto na nossa contínua

prática do bem. Essa é a autêntica resignação, palavra tão mal interpretada por muitos de nós...

“Resignação” vem do latim, da junção do prefixo “RE” (de novo), com o verbo “signare” (assinar), mais o substantivo “actionem” (ação); e significa, ao pé da letra, “ação de assinar de novo”. Ora, quem “assina” algo, concorda com esse algo: resignação é atuante, não conformismo como várias pessoas pensam...

Nós já “assinamos” antes de



reencarnar, ao participarmos da preparação da nossa futura existência na carne, quando, usando nosso livre-arbítrio, pedimos as situações que se apresentarão em nosso caminho ou com elas concordamos, visando nosso aprendizado e conseqüente aperfeiçoamento. Assim, tudo isso que aceitamos estará presente, “pré-determinado” por nós mesmos, em nossa vida terrena, quando reenearnarmos. Porém, não está determinado o resultado de cada uma dessas situações, pois sempre dependerá de nós, das escolhas que fizermos perante elas...

Sem dúvida, a melhor dessas escolhas dar-se-á toda vez que seguirmos a Lei do Amoroso Pai, a nós trazida pelo Mestre dos Mestres, Jesus. E nós conhecemos essa Lei! Nenhum de nós pode alegar desconhecê-la...

Então, faz-se as seguintes perguntas: “Como estão nossas escolhas? Realmente adequadas a quem deseja sinceramente se melhorar e tornar-se, um dia, genuíno tarefairo de Jesus?... Quais as companhias espirituais que escolhemos, sabendo sobre a “lei de afinidade”, e que nosso pensamento é energia, vibrando em determinada frequência, e sintonizando com encarnados e desencarnados que vibrem em modo semelhante?...”

O benfeitor Marco Prisco, no livro *Luz Viva*, através da psicografia de Divaldo Franco, oferece-nos o capítulo 11, cujo título é justamente “Questão de escolha”. Aí, mais uma vez, dedicadamente incentiva-nos a seguir na estrada

da evolução, descortinando para nós a realidade daquele que se esforça, de verdade, em “domar suas inclinações más” (como está em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo XVII, item 4) e avançar rumo à luz: esse estabelecerá “sintonia com vibrações superiores”, conseqüentemente “recebendo estímulos vigorosos” e alcançando crescentes “harmonia interior e renovação”, tendo “visão mais ampla” e respirando “ar mais saudável”...

Confiantes no amparo do plano maior, deixemos de nos atormentar

Mostra-nos Marco Prisco o mal que faz a si mesmo aquele que, seja por inércia, acomodamento, e até mesmo por pessimismo, estaciona, paralisa-se, “acalutando insucessos” e assimilando “ondas inferiores, cheias de miasmas pestilenciais”, que geram “desequilíbrios e enfermidades”...

E quantas pessoas vivenciam as célebres frases destrutivas: “Nada dá certo comigo!”, “Ninguém gosta de mim!”, “Não vou conseguir,

por isso não vou nem tentar!”, ou “Eu vou tentar, *mas* a tarefa é muito difícil!”... Vamos resolutamente mudar a colocação dessa conjunção adversativa “mas”, dando-lhe o enfoque positivo da construção: “A tarefa é muito difícil, mas eu vou tentar!” E certamente irá conseguir executá-la...

Confiantes no amparo do plano maior, deixemos de nos atormentar com “dúvidas e paixões dissolventes”, e escolhamos entregar-nos a Jesus através da decisão de usarmos nosso livre-arbítrio com sabedoria, trabalhando no bem, reparando erros, aprendendo sempre, cheios da energia que a fé espírita, raciocinada, claramente nos confere.

Sigamos as recomendações finais de Marco Prisco, que nos oferece o seguinte roteiro:

- “Utilizar acertadamente seu tempo” aqui na Terra: o tempo é um talento do qual também teremos que prestar contas.

- “Insistir no nosso esforço de melhoria”: não desanimemos ante os desfalecimentos ao longo do trajeto; recomeçemos com mais força, capacitando-nos com a observação dos nossos enganos, a fim de não repeti-los desastrosamente.

- “Eleger ideais nobres”: definitivamente o bem, definitivamente o amor, como nos ensinou Jesus.

Desse modo, indubitavelmente, estaremos fazendo excelentes escolhas! ■

Com Cristo, não há sombra sombria

JORGE LEITE DE OLIVEIRA

Em Malaquias, *Antigo Testamento* (4:5-6), encontramos este “terrível” anúncio: “Eis que vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição”.

Um dos grandes desafios da Humanidade atual é o da educação. As pessoas estão confusas, perdendo o referencial semântico tradicional dos conceitos, que estão sendo transformados, tendenciosamente, em “pré-conceitos”. Tudo o que a cultura antiga considerava certo e sabido vem sendo questionado, desclassificado e demolido pela mentalidade da pós-modernidade.

A conduta humana, cada vez mais voltada para o ter, em detrimento do ser, cultua o materialismo. A descrença e a hipocrisia grassam em toda a parte. Muitos

*A sombra**

Pressinto estranho ser junto de mim.
Soturnamente, avança o espectro mau
com esgares terríveis de animal
sedento do meu sangue, do meu fim.

Os pêlos eriçados de terror
falam do meu estado neste instante
em que o temor se instala, alucinante,
ante este inusitado dissabor.

Emite o espelho o espanto do meu rosto.
Nenhum reflexo de outro vulto, e um grito
se esboça no meu peito assaz aflito.

Quero livrar-me breve deste encosto
e, à tênue luz da Lua, vejo bem
a sombra de mim mesmo e mais ninguém.

*Há cerca de vinte anos produzimos este soneto.

dos que se dizem espiritualistas fingem ser o que não são, com o único objetivo de se darem bem. O oportunismo inconseqüente e egoísta, em todo o mundo, prevalece nas intenções ocultas de grande número de pessoas, graças a uma visão, cada vez mais

hedonista, que não respeita nada, apenas visa desfrutar, das mais variadas formas, de tudo aquilo que lhes satisfaça aos interesses materiais e às paixões dos sentidos. É o culto ao prazer e à matéria, como bens supremos a serem conquistados, não importa como.

O leitor destas linhas poderia perguntar-nos qual seria a nossa visão desse ser “terrível”, com poderes de ferir a Terra com maldição, citado acima por Malaquias. Seria Jesus, o cordeiro manso de Deus? Impossível. A mensagem do Cristo, relatada por João, e que procuramos despir da letra do simbolismo para a realidade dos dias atuais, visa

justamente dar-nos, em definitivo, segurança, certeza e coragem nas lutas cotidianas, por tornar conhecido o desconhecido. É o raio de luz de um novo dia no despertar das consciências sem rumo ou em dúvida sobre o caminho a seguir, entre tantos apre-

goados pelos falsos profetas dos dias atuais.

A mensagem de Jesus é a companhia segura nas horas de aparente solidão, pois quem caminha com o Cristo jamais se sentirá abandonado. Ainda que o mundo dele se afaste, o Mensageiro Divino estará a seu lado, orientando seus passos com segurança na caminhada evolutiva sem fim. E não somente no caminhar o Mestre nos antecederá, mas também na escalada do monte da elevação, que este é o destino de todos nós.

A mensagem de Jesus é o equilíbrio mental de quem se encontra no domínio pleno de seus pensamentos, pois terá sempre presente, nos atos da vida, a recomendação do Mestre da Galiléia: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca”. (Marcos, 14:38.)

A mensagem de Jesus é, portanto, a segurança mental dos que reconhecemos, com Ele, que a origem do mal está em nós mesmos. E, para que nos livremos dessa tendência, precisamos ter absoluto controle dos nossos pensamentos. Consequentemente, de nossas palavras e atos. Nisto está a sabedoria cristã: em reconhecer Deus como nosso Pai e adorá-lo em Espírito e Verdade; em reco-

nhecer Jesus como caminho que nos conduzirá a Deus, verdade que nos livrará da ignorância, vida plena que nos encherá de paz, remédio para nossas mazelas morais, equilíbrio para nosso organismo psicossomático.

Com a saúde espiritual e física que nos proporciona o Verbo luminoso – Jesus –, perceberemos que tanto a Lua como o Sol nos proporcionam sombras amigas. Vultos que não vemos, mas sentimos estarem presentes conosco, em nossas mentes e corações: o Mestre dos mestres, que seu apóstolo João nos revela como o Verbo encarnado, que estava com Deus, co-criador, junto a nosso Pai Celestial, do mundo em que vivemos, e seus emissários de luz. Veremos, na mensagem mística de João, que o Cristo veio para nos tirar o véu da ignorância e permanecer conosco até o fim dos tempos.

Esta é a sombra que nos proporciona a presença de Jesus em nossas vidas: a sombra das boas companhias espirituais. E a Doutrina Espírita, Consolador enviado por Ele, surgiu no mundo para nos tirar do medo e da ignorância, afirmando-nos, sem ameaças, sobre a presença permanente da companhia espiritual. Com Jesus, representado ao nosso lado pelos Espíritos iluminados, ainda que estejamos em vale escuro, não temeremos mal algum, pois ao nosso lado estarão as boas companhias, inspirando-nos pensamentos amigos e paz indescritível.

Se atentarmos para o sublime objetivo de nossa existência, que é a prática permanente do bem, não teremos de temer a sombra do mal, pois, com Cristo, não há sombra sombria. ■





A FEB e o Esperanto

Valiosas sugestões do presidente da Associação Universal de Esperanto

AFFONSO SOARES

Transcrevemos abaixo o que pudemos obter da gentileza do Dr. Renato Corsetti, presidente da U. E. A. – Universala Esperanto-Asocio –, com vistas a uma ação eficaz no sentido de conscientizar os espíritas de outras terras a respeito da utilidade do esperanto como língua ideal para as relações internacionais da família espírita mundial:

Mensagem de Affonso Soares ao Dr. Renato Corsetti

“Caro Renato,

Como você sabe, ao longo de muitas décadas os espíritas brasileiros apóiam, divulgam e utilizam o esperanto, o que tem trazido ganhos para ambos os movimentos: – nas asas da Língua Internacional os princípios espíritas se fazem muito mais amplamente conhecidos, e o esperanto, cultivado e sustentado pelos espíritas, se tem assegurado mais uma base sólida para seu desenvolvimento. Naturalmente, muitos outros benefícios recíprocos têm resultado dessa união de forças, mas, a meu ver, os acima referidos são os mais evidentes.

Durante quase cem anos o esperanto, nos círculos espíritas, tem permanecido como um assunto quase exclusivo do Movimento Espírita brasileiro, desperditando muito pouco interesse nos movimentos espí-

ritas do Exterior. Isso se deve, provavelmente, à falta de relações internacionais mais intensas, as quais obrigariam a se refletir sobre o problema lingüístico, além de, também, à falta de uma conscientização mais vigorosa por parte do Movimento Espírita do Brasil.

Já se realizaram quatro congressos mundiais de Espiritismo, com a participação de adeptos de diversos países, principalmente das Américas e da Europa. O problema lingüístico sempre e cada vez mais define seus contornos, e nós, os espíritas brasileiros, percebemos nesse fato uma ocasião favorável para coirmos o trabalho quase centenário que empreendemos no Brasil em favor do esperanto, isto é, para conscientizarmos nossos confrades de outras terras sobre o fato de que eles devem ver no esperanto a língua mais adequada às nossas relações internacionais. De há muito temos cultivado esse sonho, embora estejamos conscientes sobre a extensão do caminho que conduz a que ele um dia se concretize.

E aí está, querido amigo, o motivo de minha mensagem, já muito longa, a você: – como agir com eficácia para a gradativa concretização desse sonho? quais as primeiras providências práticas a tomar para atrairmos cada membro, individual e coletivo, dessa crescente família espírita mundial, ao esperanto como solução do problema lingüístico? deveríamos, por exemplo, dirigir a atenção desses movimentos espíritas nacionais para a existência das

organizações esperantistas nacionais? deveríamos disponibilizar-lhes material de propaganda, em língua nacional, sobre o esperanto?

Pedimos-lhe, humildemente, auxílio, uma vez que nos faltam justamente as experiências práticas indispensáveis para conceber uma estratégia minimamente boa.

Até hoje trabalhamos apenas em uma coletividade nacional. Temos usado o esperanto para difundir o Espiritismo entre os esperantistas. Divulgamos o esperanto tão-somente entre os espíritas brasileiros. Publicamos manuais de aprendizado, dicionários, bem como sustentamos cursos, programas radiofônicos, mas tudo num exclusivo âmbito nacional.

Agora temos que enfrentar o desafio de atrair cada Movimento Espírita nacional para o esperanto. Nosso Conselho Espírita Internacional, a que estão filiados, em sua maior parte, os movimentos espíritas nacionais, até possui um setor dedicado ao esperanto, mas, como lhe disse, faltam-nos experiências práticas nesse novo campo de ação.

Por essa razão, nós ficaríamos muito gratos, se pudéssemos merecer a sua atenção e de você receber algumas sugestões, instruções, como um início seguro de nossa ação, de nossos primeiros passos nesse campo.

Perdoe-me, pois certamente eu o incomodei – justamente você, o presidente da U. E. A.! – com essa mensagem quilométrica, com esses pedidos. Mas eu senti a necessidade de me dirigir a um co-idealista tão gentil quanto competente como você, apesar de ter a consciência do peso das responsabilidades que estão sobre seus ombros.

Pedindo-lhe perdão e antecipadamente grato,

Affonso Soares”

Resposta do presidente da Associação Universal de Esperanto

“Caro Affonso,

Você absolutamente não me incomodou. Ao con-

trário, eu diria que essa foi a melhor mensagem da semana.

Para falar a verdade, sinto, como você, o mesmo problema para pensar em algo concreto. Mas eu lhe diria:

- crie um *slogan* para os espíritas não-brasileiros, do tipo “Para a comunicação no mundo espírita”, ou “Espiritismo e Esperanto melhorando as relações mundiais”, ou “Não à guerra, sim à paz – Espiritismo e Esperanto”, ou “Espiritismo e Esperanto para as boas relações culturais”. Você certamente poderá pensar em algo melhor. O *slogan* deveria ser a cobertura geral da campanha;
- envie, em língua nacional, material informativo sobre o esperanto juntamente com uma carta dos espíritas brasileiros;
- indique as organizações esperantistas nacionais e as possibilidades de contactá-las através da rede de computadores.

Após alguns anos de informações dessa natureza, algo começará a acontecer: por exemplo, poderá ser solicitada a inclusão do esperanto entre as línguas oficiais dos congressos mundiais de Espiritismo, etc.

A U. E. A. (Associação Universal de Esperanto) pode ajudar por meio de convite dirigido às associações esperantistas nacionais no sentido de colaborar com vocês.

O que acha?

Com amizade, Renato.”

•

Aí temos, caros co-idealistas do tríplice ideal Evangelho-Espiritismo-Esperanto, um material digno de aproveitamento e aperfeiçoamento, destinado aos trabalhos numa nova fase que consideramos como o coroamento das atividades dos espíritas em torno do esperanto, iniciadas com o memorável artigo publicado em *Reformador* de 15 de fevereiro de 1909. ■



Reformador de ontem

Eutanásia, nunca!

S seja qual for a razão pela qual se pretenda interromper uma vida humana, justificativa alguma será aceitável na área da eutanásia.

Por mais longa e dolorosa a enfermidade, ninguém se pode arrogar o direito de, em nome da piedade fraternal, aplicar a terapia do repouso sem retorno.

Mesmo que o paciente, parecendo exausto de sofrer, solicite e autorize a medida extrema, nunca será direita a aplicação do recurso último.

Apesar de esperança alguma restar para a recuperação do enfermo no largo trânsito de uma vida vegetativa, irreversível, diante de uma família desgastada pelas longas vigílias, não se faz moral a usança da técnica de encerramento da vida...

A eutanásia é crime que um dia desaparecerá da Terra, quando a sociedade crescer em valores morais fundamentados nas realidades do Espírito.

Somente uma cultura primitiva, porque bárbara ou semibárbara, aplica os recursos da interrupção da vida, exatamente por desconhecer os comportamentos morais relevantes.

Também medram tais atitudes em homens de formação deficiente, estribados nos extremos do materialismo, que no corpo apenas encontra a legitimidade da vida.

Ignorando ou teimosamente negando a realidade espiritual, pensa que na cessação das expressões fisiológicas se encerra o ciclo da existência humana, se apaga a claridade da inteligência, somente por causa da fragilidade e pouca duração dos implementos que constituem a maquinaria física.

Enfermidades que antes constituíam calamidades; distúrbios orgânicos e psíquicos, que no passado se revelavam irrecuperáveis, problemas de saúde, que antes eram verdadeiras desgraças coletivas e individuais; epidemias que varriam a Terra, periodicamente; males mutiladores e dolorosos que se instalavam em milhões de criaturas; desequilíbrios or-

gânicos e mentais que assolavam, cruéis, constituem, hoje, lembranças do processo de evolução das Ciências Biológicas e Médicas, que conseguiram apagá-los das páginas da História Contemporânea, constituindo capítulo arquivado na literatura da Medicina...

A cirurgia abriu portais dantes jamais ultrapassados; a terapêutica preventiva e as medidas sanitárias, o tratamento especializado com recursos de alta sofisticação, as técnicas imunológicas vêm ganhando muito espaço nas "terras de ninguém", no que diz respeito às doenças lamentáveis.

Outros recursos sociológicos, educacionais, econômicos aumentam, com as valiosas contribuições da Medicina para alongar a estância carnal, quanto à duração da vida humana na Terra...

É certo que ainda faltam muitas realizações a serem ganhas.

Descobrem-se novas enfermidades, porque a diagnose imperfeita do passado as encaixava em quadros outros que não correspondiam à realidade.

Aí estão, assustadoras, ceifando vidas, com outras designações.

Sem embargo, a batalha está travada com cientistas e pesquisadores que encanecem e sacrificam as horas nos laboratórios e gabinetes de estudos, esforçando-se por vencê-las, o que lograrão, sem dúvida, hoje, ou mais tarde, quando o homem já não necessitar de evoluir sob o látego da pedagogia do sofrimento, como ocorre nestes dias...

As enfermidades são resultado do estágio primevo da evolução em que a Terra se encontra.

Por isso, realizam o seu mister invitando a criatura ao estudo da fragilidade carnal, de modo a entender e respeitar-se como ser espiritual que é, em aprendizagem temporária na escolaridade terrena.

Cada instante de vida de um paciente é-lhe valioso, porque lhe pode constituir chamamento para desper-

tar os sentimentos mais elevados, dando-se conta dos objetivos essenciais da existência.

Outrossim, os sucessos felizes ou inditosos que têm curso nas vidas são efeito inevitável dos atos pretéritos realizados nas reencarnações passadas.

Este homem, hibernado, numa tremenda alienação mental, é antigo déspota que se utilizou da vida para infelicitar e afligir, ora expiando em injunção educativa os delitos perpetrados...

Esse padecente, em torpe imobilidade, com os centros mentais e motores lesados, é anterior suicida que pensou burlar a Lei, evadindo-se dos compromissos que assumira e que não quis sofrer...

Aquele, portador de cruel neoplasia maligna com metástase generalizada, em extremos de desespero, é o alucinado destruidor de vidas, que culminou a existência antiga em autocídio espetacular, e que ora resgata, repassando pelos caminhos antes percorridos com a insânia do orgulho e da prepotência...

Todos eles, ressalvadas algumas exceções de abnegados missionários que se entregam à dor para ensinar aos seus coevos como superá-la, os que experimentam largos desgastes na saúde estão em justo mecanismo reparador de que, resignados e humildes, se liberarão, demandando à paz e à felicidade que todos alcançaremos.

Ninguém está condenado irremissivelmente, que não usufrua as bênçãos da harmonia, quando regularizado o compromisso no qual falhou.

É de alta importância a libertação pela dor ou através do sacrifício do bem que se pode produzir, do amor.

Não cabe, portanto, a ninguém, o direito de fazer cessar o processo do sofrimento por meio da eutanásia, mesmo porque a morte do corpo não anula o fenômeno da necessidade específica de cada um, nos múltiplos estágios do crescimento espiritual.

A morte apenas destrói o corpo, sem modificar a estrutura da vida.

Aqueles que pensam driblar a Justiça Divina, fugindo ou sendo expulsos da matéria, despertam, no Além-túmulo, mais sofridos e alienados, retornando à Terra para darem curso à reabilitação em corpos iguais ou menos aparelhados do que aquele de que se supunham liberar...

A vida – na matéria ou fora dela – é indestrutível, já

que o Espírito transita pelo corpo ou sem ele, sem entrar ou sair da realidade intrínseca onde se encontra colocado no Universo.

Amar e atender aos pacientes com carinho, envolvendo-os em vibrações de paz, orando por eles, aplicando-lhes recursos magnéticos de que todos dispõem são as atitudes corretas que a consciência cristã e espírita deve aplicar em quaisquer situações em que se encontre, na condição de familiar ou facultativo, de amigo ou de companheiro, na enfermagem ou no serviço social...

Eutanásia, nunca!

Vianna de Carvalho

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 15/12/1980, no Centro Espírita “Caminho da Redenção”, em Salvador, Bahia.)

Fonte: *Reformador* de dezembro de 1990, p. 29(377)-30(378).

Eutanásia

Ofega o corpo a sós... Oculta, a morte espia...

– Invisível chagal na tocaia da presa.

Na máscara do rosto, a ansiedade retesa

Aparenta velar a dor do último dia.

Choras ao ver prostrada a criatura indefesa

Cujo olhar sem consolo a lágrima embacia,

E intentas ministrar-lhe a branda anestesia

Que apresse o longo fim e ajude a Natureza.

Susta, porém, teu gesto! A vida é sábia em tudo!...

A alma jungida à carne, em pranto amargo e

[mudo,

Roga-te, embora gema e fale de outra esfera:

– “Aguardo a mão da Lei, sempre doce e bem-

[-vinda!

Dá-me silêncio e paz! Não me expulses ainda!..”

E, por trás da alma em luta, a Lei exclama: –

[“Espera!”

Nestor Vítor

Fonte: XAVIER, Francisco C.; VIEIRA Waldo. *Antologia dos imortais*. Poetas diversos. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 209-210.

Há órgãos no corpo espiritual?

MAURO PAIVA FONSECA

É a pergunta que todos gostaríamos de ver respondida, tal é a dificuldade para concebermos e assimilar aquilo que não podemos ver nem perceber com os imperfeitos sentidos do corpo físico. Entretanto, a resposta não poderá ser “sim” ou “não” como gostaríamos que fosse, porque seriam afirmações categóricas, radicais, que jamais expressariam a complexidade e magnitude das variantes que determinam uma ou outra das afirmativas.

O iluminado Espírito Emmanuel na obra *O Consolador* responde, na pergunta número 30:

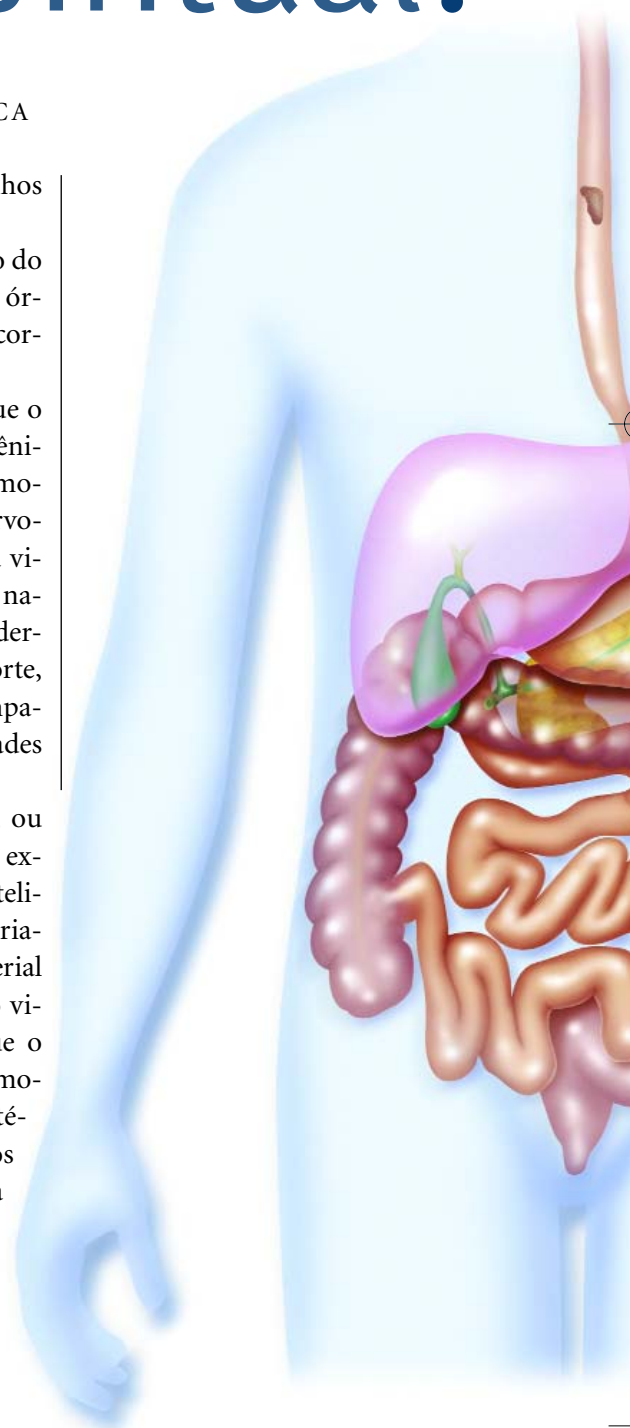
“Dentro das leis substanciais que regem a vida terrestre, extensivas às esferas espirituais mais próximas do planeta, já o corpo físico, excetuadas certas alterações impostas pela prova ou tarefa a realizar, é uma exteriorização aproximada do corpo perispiritual, exteriorização essa que se subordina aos imperativos da matéria mais grosseira, no mecanismo das heranças celulares, as quais, por sua vez, se enquadram nas indispen-

sáveis provações ou testemunhos de cada indivíduo”.

Ora, se é uma exteriorização do corpo perispiritual, então os órgãos preexistem à criação do corpo físico!

Não deveremos esquecer que o perispírito é o plano organogênico do corpo físico, do mesmo modo que uma semente o é da árvore que sua germinação trará à vida; por isso, é absolutamente natural e lógico que, ao desprender-se dele pelo fenômeno da morte, os sistemas orgânicos o acompanhem e, com eles, as necessidades próprias.

Sabemos que o perispírito, ou corpo espiritual, é o veículo de expressão do Espírito, energia inteligente individualizada pelo Criador, e tem sua formação material fluídica dependente do estado vibratório do desencarnado que o habita. Quanto mais evoluído moral e intelectualmente, mais etérea é a sua natureza e menos imperiosas as necessidades a satisfazer. Do mesmo modo como na Terra o homem mais



intelectualizado e moralizado se satisfaz com uma alimentação frugal e o homem ignorante e embrutecido pela deficiência intelectual e atraso moral em que se demora exige uma alimentação mais pesada, mais densa, os Espíritos desencarnados igualmente terão as exigências da natureza “material” de seu corpo espiritual, a depender do estado vibratório que lhe seja peculiar.

Afirmar que os Espíritos desencarnados não comem, não dormem, não se cansam, e não estão sujeitos às necessidades físicas dos sistemas orgânicos em geral, não faria sentido. Na obra *Os Mensageiros*, psicografada por Francisco C. Xavier, à página 92 da 5ª edição, FEB, vemos André Luiz e Vicente, dois Espíritos em viagem da colônia Nossa Lar para a crosta terrestre, descansarem numa pousada a meio do trajeto, onde lhes foi oferecida farta refeição de frutas.

Supor que alguém, porque morreu, poderá prescindir dos sistemas orgânicos que o acompanharam durante toda a vida material seria santificá-lo ou emprestar-lhe uma angelitude que nem todos estarão à altura de possuir, pois a passagem direta da Terra para as Esferas de Luz é apanágio das almas angélicas e santificadas, para as quais as dependências materiais já não têm qualquer sentido. Como ninguém vira santo porque morre, segue-se que a quase totalidade dos desencarnados carecerá dos sistemas orgânicos para conduzir-se na vida espiritual.

Assim, cada Espírito procurará a satisfação das próprias necessidades, conforme o estado de materialidade que ainda guarde. À proporção que as necessidades forem desaparecendo, com a transferência dos estados mentais e conscienciais para condições mais elevadas, os órgãos irão se atrofiando por falta de uso objetivo até o completo desaparecimento. Na obra

supracitada, à mesma página, o anfitrião Alfredo refere-se à falta de medicamentos e alimentos para atender o grande número de desencarnados que estão sob tutela do Posto de Socorro de Campos da Paz, cujos estados de materialidade e desequilíbrio ainda reclamam tais recursos.

Na obra *Nosso Lar*, do mesmo autor espiritual, vemos a Governadoria da colônia de mesmo nome, providenciando o auxílio de especialistas em alimentação pranaiana pela respiração, habitantes de outras esferas, para coibir abusos da população da colônia que começava a sofisticar o apuro das preferências alimentares, exigindo cardápios cada vez mais próximos dos alimentos materiais terrenos.

Se estes fatos acontecem com desencarnados de mediana evolução, imaginemos o que ocorrerá com os infelizes irmãos, habitantes das regiões inferiores do umbral, sujeitos às aflitivas carências de uma vida embrutecida e sem esperança!

À proporção que o desencarnado vai adquirindo independência pela elevação de sentimentos e enriquecimento intelectual, o domínio mental sobre seu veículo de expressão vai aumentando, e o fenómeno da ideoplastia vai promovendo as transformações normais, da natureza material para a natureza espiritual. A ideoplastia é a força resultante das ações produzidas pela consciência, pelo pensamento e pela vontade, capaz de modificar a estrutura do perispírito. ■

Conflitos de jurisdição

ALFREDO FERNANDES DE CARVALHO

Logo no início de uma importante rodovia federal que liga grande capital a cidades do interior e a outros Estados surgiu pequeno buraco na pista de asfalto, cujas pedrinhas, uma a uma, foram ganhando liberdade, por força do intenso e pesado tráfego. O buraco aumentava de tamanho a cada dia, transformando-se numa grande cratera que colocava em risco a vida dos usuários da estrada. Reclamações surgiram. Os policiais rodoviários do posto próximo ouviam com paciência os reclamantes e informavam-nos de que já haviam pedido providências aos seus superiores hierárquicos. Autoridades federais vieram a público esclarecer que nada poderiam fazer para sanar o problema porque a rodovia se iniciava exatamente no local onde se encontrava o posto rodoviário e o buraco estava antes dele, por consequência, fora de sua jurisdição, que atribuíam ao Esta-

do. Por sua vez, altos funcionários estaduais da esfera pertinente, embora reconhecendo a gravidade do problema, declararam que a responsabilidade por aquele trecho era da prefeitura da capital, a qual justificou a sua omissão alegando ser o conserto da alçada do município limítrofe, cujo prefeito, considerando que o buraco, a cada dia maior e mais perigoso, se situava em plena rodovia, atribuiu ao Governo Federal a obrigação de fazer as obras necessárias para tapá-lo. Formou-se, assim, um grande círculo burocrático, um jogo de empurra, tecnicamente chamado *conflito de jurisdição*.

Os dias corriam rápido e eis que, finalmente, trabalhadores, máquinas e material apareceram e a cratera foi tapada. A imprensa, sempre diligente, trouxe as explicações para o tão esperado evento: um empresário havia mandado executar, por sua conta, as obras que reconstituíram a pista de rolamento.

Aqui na Terra, entre as religiões cristãs, em que pese terem os seus fundamentos originados em um mesmo e grande fanal, que é Jesus, eternizam-se os *conflitos de jurisdição*, porque vitimadas pelas distorções que o homem, Espírito imperfeito, lhes tem trazido ao longo dos séculos, através de adendos, supressões, omissões ou errôneas interpretações, proposições ou frutos da ignorância. Cada uma delas diz-se a verdadeira, a única que salva, garantindo às almas o Céu. Há dirigentes voltados mais para César do que para Deus. Templos suntuosos, intitulados *Casa de Deus*, são encontrados a poucos passos de comunidades extremamente carentes de tudo, mostrando de modo claro que existem devotos que fazem *tabula rasa* para o que, de Estêvão, está registrado em Atos dos Apóstolos (7:48-49): “[...] mas o Altíssimo não habita em templos fei-

tos por mãos *de homens*, como diz o profeta:

O Céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés.

Que casa me edificareis [...]?” (Ver Isaías, 66:1.)

Amplos espaços estão criados para a discriminação e para a mais irracional intolerância. Religiosos há que matam e se entrematam em nome de Deus ou no do doce Jesus. Fanáticos explodem-se para matar. E todos garantem que serão devidamente recompensados pelo Pai Amantíssimo...

Ensina-nos Ana no seu Cântico (I Samuel, 2:3) que de nada adiantam louvores a Deus sem os correspondentes labores dignificantes, nem condenações de rotos a rasgados, quando diz: “Não multipliqueis altíssimas altivezas, *nem* saiam coisas árduas da vossa boca: porque o Senhor é o Deus da sabedoria, e por Ele são *as obras* pesadas na balança”.

Nada obstante, reconheça-se, a grande massa dos religiosos quer viver em paz e em mútuo respeito, procurando seguir, dentro de suas limitações, a vontade de Deus, o qual, em sua infinita sabedoria, ainda não quer que nenhuma religião tenha a maioria absoluta de fiéis neste planeta.

O Espiritismo, que é a consubstanciação do Consolador prometido por Jesus, age como o empresário que mandou tapar o buraco da estrada, indiferente aos conflitos de jurisdição religiosos. O Espiritismo veio trazer a Verdade para o homem, da mesma

forma como Jesus, em pessoa, trouxe-lhe o Amor, e Moisés, pela mediunidade, os Mandamentos da Lei. O Espiritismo nada promete, nada impõe; não ataca, não revida, não condena; simplesmente mostra o caminho para mais rápida ascensão espiritual. Uma vez que não traz abalos às bases de qualquer religião ou crença, a Doutrina dos Espíritos veio fadada a ser a religião do futuro, quando o homem, pelo raciocínio da fé e por sua própria vontade, obedecer à lei de justiça, amor e caridade, fazendo desaparecer os inaceitáveis conflitos religiosos e outros, que tanto prejudicam e desarmonizam a Humanidade, mantendo multidões de Espíritos presos a um quase infundável ciclo de

reencarnações de aprendizado doloroso.

Merece registro a definição da Doutrina Consoladora pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, em consonância com a Codificação Kardequiana: “– O Espiritismo é a Doutrina de Jesus, em espírito e verdade, sem fórmulas nem ritos, sem aparências nem representantes, sem ministros. É a religião do amor e da verdade, na qual cada um é responsável pelos próprios atos, respondendo por eles [...]”.*

Lembrado seja: “Fora da caridade não há salvação”. ■

*FRANCO, Divaldo P. *Nos bastidores da obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992. Cap. 16, p. 271.

Cursos na Sede Seccional da FEB em 2007

Esperanto: A partir deste mês:

Estudos Doutrinários em Esperanto
2^{as} feiras (14h30 às 16h30).

A partir de março:

Elementar – 4^{as} feiras (15h45 às 17h);

Aperfeiçoamento – 6^{as} feiras (16h30 às 18h30).



Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita:

4^{as} feiras (14h às 16h);
6^{as} feiras (14h30 às 16h30).

Inscrições na Secretaria da FEB, no horário comercial.

Av. Passos, 30 – Rio de Janeiro (RJ) – Tel.: (21) 3078-4747

Bezerra de Menezes

Abolicionista

Muito antes de tornar-se espírita, Bezerra de Menezes levantou a voz pela emancipação dos escravos

JOÃO MARCOS WEGUELIN

Os grandes vultos do Espiritismo sempre levantaram a sua voz a favor da emancipação dos escravos. Já em 1866 Antônio da Silva Neto publicou um opúsculo intitulado *Estudos sobre a Emancipação dos Escravos no Brasil*. Mais tarde, as páginas do *Reformador* também defenderam por este ideal, até que em 1888 fosse decretada a extinção da escravidão no Brasil.

Uma parte dessa história se encontra em deplorável estado de decomposição nas prateleiras da Biblioteca Nacional. Trata-se da obra *A Escravidão no Brasil e as Medidas que Convém tomar para Extingui-la sem dano para a Nação*, de Bezerra de Menezes, com 30 páginas, publicada pela Tipografia Progresso, em 1869. O único exemplar existente deste livro na Biblioteca Nacional tem a seguinte localização: BN – V-261, 2, 6, nº 11.

Bezerra escreveu, na introdução do trabalho, que nenhuma questão reclamava mais a atenção do povo brasileiro do que a questão da emancipação da escravatura. Para ele, a escravidão era “uma lamentável aberração do espírito humano”, condenada pela religião, pela civilização do século XIX, pela economia política e pela moral. Bezerra de Menezes condenou a maldita sede do ouro e a insaciável cobiça do homem que o leva a colocar os ganhos materiais à frente dos princípios morais.

Em seguida, Bezerra de Menezes demonstrou, através de fatos, que o trabalho feito por braço escravo não podia competir com o que era feito por braço livre.

Ele começou a contar a história da então Província

do Ceará, onde, até 1845, todo o serviço doméstico e industrial era feito por braço escravo. Segundo afirmou: “Quem não possuía escravos, não podia ser lavrador!” Os fazendeiros, todos juntos, mal produziam para o consumo da Província, a exportação era nula e o comércio insignificante.

Com a chegada de uma seca devastadora no Ceará, em 1845, contudo, a única solução foi colocar à venda os escravos, o que deixou a Província despovoada dos mesmos. Então, ao longo de 24 anos, a fortuna pública e particular dos cearenses cresceu enormemente, prosperando a indústria de criação, bem como os fazendeiros, que antes mal davam conta da manutenção de suas fazendas, mas que agora haviam enriquecido. As fazendas passaram a valer sem os escravos o mesmo que valiam com todos eles. Sem falar que muitos escravos morriam, o que acarretava grande prejuízo ao seu dono.

Um contingente enorme de pessoas correu para trabalhar nas fazendas, como explicou Bezerra de Menezes:

“Toda essa população, acoimada pelos viajantes de preguiçosa, e que de fato vivia na ociosidade, para não trabalhar em comum com os escravos, corre hoje para os pontos agrícolas em procura de trabalho.

Assegura-me pessoa competente e acima de toda a suspeição, que essa afluência de trabalhadores se faz em escala admirável, e que pela concorrência extraordinária que há, os salários são módicos, que feito o cálculo do que se gastava com um preto, não

contando o empate do capital e o risco de perdê-lo, reconhece-se ser muito menor a despesa que se faz com um trabalhador livre.”

Bezerra de Menezes começou a expor, então, as muitas formas de emancipação da escravatura que eram defendidas naquela época. Havia os que defendiam a emancipação rápida e os que preferiam a emancipação gradual. Dentre os que clamavam pela emancipação rápida, uns a queriam de forma imediata, indenizando-se os proprietários; outros preferiam que se marcasse, desde aquele momento, um prazo, depois do qual todos os escravos ficariam livres, sem que a Nação indenizasse os seus proprietários.

Bezerra de Menezes defendeu a forma gradual de emancipação, optando ainda pela decretação do ventre livre.

Ventre livre, é, pois, o meio mais simples, mais fácil e mais cômodo entre todos de quantos se tem, até hoje, cogitado.

Ele remove todos os perigos e prejuízos que os outros acarretam, e resume em si todas as vantagens que se podem desejar, quando se trata de uma questão tão melindrosa, que joga com tantos interesses quer públicos quer particulares.

Porém esse meio não nos dá senão a solução de uma parte do problema; não nos dá senão a extinção da escravidão, e nós queremos o complemento dessa reforma, queremos a transformação do escravo em cidadão útil, sem o que todo o resultado é nulo, e porventura prejudicial.

Para que a emancipação pudesse servir de transformação para a vida do escravo, pudesse oferecer um futuro mais digno para todos aqueles que passassem a ser livres, Bezerra de Menezes defendeu que o Estado deveria ficar responsável pela criação e educação das crianças nascidas do ventre escravo.

Seu projeto, ao contrário dos demais projetos da época, visava não somente libertar o escravo, mas cuidar da sua educação moral, fazer com que ele completasse os estudos, conseguisse emprego e contraísse matrimônio.

Bezerra de Menezes explicou, a seguir, como seria esse plano:

A criação das crianças libertadas, não deve, pois, ser feita na casa dos senhores de suas mães, quer por interesse da vida dessas crianças, quer e principalmente por interesse de seu futuro e de sua educação moral.

Julgo que o melhor é estabelecerem-se casas de criação em todos os municípios, sob as vistas imediatas das respectivas Câmaras.

Essa corporação fará recolher à casa de criação, confiada à sua guarda e vigilância, todas as crianças que nascerem de ventre escravo em seus municípios, quer empregando, para esse fim, agentes seus, quer obrigando, por meio de posturas, os senhores a transportarem as crianças recém-nascidas.

Bezerra se preocupou inclusive com a amamentação dos bebês e, já naquela época, ele afirmou que a amamentação natural era a mais conveniente.

Na parte seguinte, Bezerra de Menezes escreveu sobre os seus planos para a educação das crianças:

Instrução primária acompanhada de princípios morais e religiosos, tão necessários como aos estudos; a prática desses princípios, fortificada pelos princípios de preceptores e diretores escrupulosamente escolhidos, eis no que se pode resumir a primeira educação a dar aos meninos de ambos os sexos, colocados sob a tutela da Nação.

Mais tarde, e logo que tenham aprendido as primeiras letras, devem os rapazes aplicarem-se ao estudo dos princípios elementares das ciências, que servem de base às artes mecânicas; e as raparigas à aprendizagem desses misteres que constituem o trabalho da mãe de família.

Chegados a este grau, as mulheres têm completado a sua educação; os homens, porém, precisam ainda aprender, cada um, um ofício para que tenham vocação.

Bezerra de Menezes entendia que a educação deveria ser de responsabilidade do Estado – iniciando entre os seis ou sete anos –, devendo ser levada adian-

te nas capitais das províncias, na Corte ou em qualquer lugar onde houvesse estabelecimentos competentemente montados para essa educação. Como homem à frente de seu tempo, Bezerra de Menezes ressaltou que o governo deveria dar muita atenção à instrução agrícola, avaliando que a agricultura seria a principal base da grandeza futura do Brasil. Além disso, ele sabia que somente educar esses jovens não resolvia o problema. O Estado não poderia lançar essas pessoas à sociedade e entregá-las a seus próprios recursos. Ele considerava que os homens saíam desses estabelecimentos públicos dotados da instrução necessária para ganharem a vida, mas entendia que o mesmo não acontecia com as mulheres.

A maior preocupação de Bezerra de Menezes, portanto, era com as mulheres, consideradas entes fracos e dependentes da vontade alheia. Muito discriminadas, elas tinham a obrigação de contrair matrimônio e de formar uma família. Era nessa proteção familiar que deveriam se tornar excelentes mães de famílias, educadas e formadas para a vida. Mas, por serem muito discriminadas, essa tarefa se tornava muito difícil e poderia colocar todo o plano a perder.

Para resolver problemas deste tipo, Bezerra de Menezes propunha a criação de colônias nacionais, para os libertos que fossem completando a sua educação moral e artística. Os filhos de escravos que estivessem preparados para a vida civil e social se reuniriam em um ou mais destes centros comuns, o que facilitaria ainda que moças encontrassem seus maridos, de acordo com as suas próprias condições, e constituíssem famílias honestas e laboriosas, ao invés de se perderem no seio da sociedade.

Bezerra de Menezes se defendeu ainda das críticas que seu projeto pudesse sofrer e afirmou que ao se isolar os libertos da comunhão dos brasileiros não se estaria fomentando indisposições ou rivalidades das raças. Mesmo porque esse entrelaçamento ocorreria pouco a pouco dentro da família geral brasileira. Ele resumiu o seu plano da seguinte forma:

Receber do escravo o fruto de seu amor depravado; criá-lo com todo o cuidado, como recomenda a caridade santa; educá-lo pelo trabalho, pela ilustração do

espírito e pela prática dos sãos princípios da moral e da religião; constituir com ele uma família, em que se reproduzam aqueles princípios zelosamente incutidos em sua alma e em seu coração; e, por meio dessa família, levar a pureza dos costumes a todos os que se lhe aproximarem, a todos os que com ela se forem entrelaçando; é a meu ver a única solução que se deve dar à questão da emancipação do escravo no Brasil.

Ele considerou que o seu plano não era de difícil execução e que os brasileiros não se furtariam aos sacrifícios que fossem impostos a eles para levar a termo esta iniciativa. Achava que não haveria problema também para conseguir os recursos necessários para colocar o plano em prática. Afirmou que o Brasil era “um país onde o ouro se desperdiça a largas mãos”, acusou gastos exorbitantes com coisas inúteis e criticou a existência de um “funcionalismo estragado, sem préstimo e desnecessário”, Bezerra de Menezes defendeu um corte nos gastos no funcionalismo público, para que estas economias pudessem ser empregadas no seu plano. Pediu que fossem suspensos, ou ao menos reduzidos, os gastos com a colonização estrangeira, e colocou em primeiro plano a colonização nacional. Afirmou que o Estado poderia lançar mão de um imposto especial ou até mesmo contrair empréstimos, esclarecendo que essas despesas com a emancipação trariam vantagens reais ao país e contribuiriam para o aumento da renda pública.

Bezerra de Menezes defendeu ainda que o progresso material deveria caminhar junto com o progresso moral:

Não nos dediquemos exclusivamente ao progresso material, sacrificando-lhe toda a receita do Estado.

Atendamos também ao desenvolvimento moral, repartindo com ele uma parte daquela receita.

E como a emancipação dos escravos é atualmente a maior e mais elevada questão de caráter moral que temos a resolver, repartamos com ela uma parte da receita pública, que se costuma aplicar a verbas de melhoramentos materiais.

Ele acreditava que esses estabelecimentos agrícolas

e industriais, essas oficinas e fábricas que o governo estabelecería para escola dos educandos libertos, deveriam resultar em renda para o Estado se eles fossem convenientemente administrados. Se isso ocorresse, os gastos efetuados seriam cobertos e haveria até um saldo significativo para os cofres públicos. Nos primeiros 8 a 10 anos não haveria qualquer compensação para o Estado, mas depois desse período os educandos passariam a produzir e estariam aptos a retribuir ao Estado as despesas efetuadas com a sua criação, com a sua educação e com o próprio estabelecimento.

No seu plano, Bezerra de Menezes estabelecia que os educandos não poderiam deixar os estabelecimentos antes de determinada idade, período em que eles teriam que trabalhar para o Estado, para cobrir as despesas que este mesmo Estado teve com eles.

Outra questão que foi pensada por Bezerra de Menezes foi a de como os educandos recomeçariam suas vidas quando eles saíssem desses estabelecimentos. Afirmando que era possível conciliar o interesse público com o dos educandos, Bezerra de Menezes definiu que a partir do momento em que os educandos comessem a trabalhar, uma determinada parcela de seus rendimentos seria retirada e guardada, estabelecendo um sistema de cotas, em que todos teriam que contribuir. Com isso, aqueles que completassem a idade para deixarem os estabelecimentos dividiriam todo o valor acumulado. Bezerra de Menezes acreditava que essa idéia cobria as despesas feitas pelo Estado com os educandos, além de auxiliá-los no momento de deixarem os estabelecimentos.

No final da obra, Bezerra de Menezes afirmou que seu plano não era uma utopia ou um meio paradoxal de resolver a questão. Eis o que escreveu:

Dizem-me a consciência e a razão que a não ser ela resolvida por aquele modo, ou por outro semelhante, estulta será a glória de quem exterminar a escravidão no Império, porque em vez do bem que se espera, resultarão infinitos males de tão reclamada reforma.

Ao escrever essa obra, Bezerra de Menezes desejava estabelecer uma discussão em torno do assunto. Queria que suas idéias pudessem ser avaliadas e aperfeiçoadas pelas grandes inteligências do país e que, com isso, ele pudesse contribuir indiretamente para o que ele considerava ser a mais importante reforma que o país necessitava.

A obra é datada de 10 de março de 1869 e o seu autor assinou apenas “Dr. Bezerra”.

O resgate deste livro é extremamente importante por dois aspectos. Em primeiro lugar, para mostrar a luta de Bezerra de Menezes pela emancipação dos escravos, uma luta que também foi de Antônio da Silva Neto e de outros grandes homens. Essa luta começou a ser ganha pouco mais de dois anos e meio depois da data desse livro, em 28 de setembro de 1871, com a promulgação da Lei do Ventre Livre. A outra questão pertinente é que a cópia deste livro, encontrada na Biblioteca Nacional, está em estado de decomposição, não se sabendo se existem outras cópias da obra deste grande brasileiro, que em vida se tornou mais conhecido como o “Médico dos Pobres”. ■

Ilustração representando a escravidão no Brasil





Seara Espírita

● **Goiás: Congresso Espírita Estadual**

De 18 a 20 de fevereiro, crianças, jovens e adultos terão a oportunidade de compartilhar idéias e impressões no XXIII Congresso Espírita Estadual do Estado de Goiás. O evento, que terá palestras de Alberto Almeida, Irvênia Prada, Jacobson Sant'anna Trovão e Otaciro Rangel, contará com o estudo de temas como Evolução, Encontro das Leis Humanas com a Lei de Deus e debate sobre ciência e religião. No encerramento, Divaldo Pereira Franco coordenará o seminário "O Despertar da Consciência". A FEEGO oferece mais informações na página www.feego.org.br ou pelo telefone (62)3281-0200.

● **Rio de Janeiro (RJ): Palestra na FEB**

No dia 27 de janeiro, o presidente da FEB, Nestor João Masotti, fez a palestra inaugural das atividades de 2007 na sede histórica da Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro. E no dia 24 de fevereiro, no mesmo local, às 10h30, José Carlos da Silva Silveira coordena um seminário com o tema "A promoção social à luz da Doutrina Espírita". As palestras prosseguirão nos demais meses do ano. Informações pelos telefones (21) 2221-3153/3155 ou no seguinte endereço: Av. Passos, 30, Centro (RJ).

● **Movimento de Integração Espírita**

Em sua 34ª edição, o Movimento de Integração Espírita Paraibano (MIEP), que ocorrerá em Campina Grande (PB), conta com o estudo do tema "O Livro dos Espíritos, 150 anos de verdade e consolação". O evento, de 17 a 20 deste mês, tem como palestrantes André Luiz Peixinho (BA), Frederico Menezes (PE), Severino Celestino de Souza (PB) e Juselma Maria Coelho (MG), entre outros. A realização é da Coordenadoria Espírita da Borborema e Associação Municipal de Espiritismo, com o apoio da Federação Espírita Paraibana. O MIEP será realizado na Sociedade de Estudos e Educação Espírita, Rua João Pequeno, 181, Catolé. Informações na página eletrônica www.miep.com.br

● **Distrito Federal: Espaço Federativo**

"Atendimento Espiritual na Casa Espírita" foi o tema do Espaço Federativo que ocorreu no dia 3 de dezembro, das 8h30 às 17h, na sede da Federação Espírita do Distrito Federal (FEDF). A expositora convidada foi Maria Euny Herrera Masotti, diretora da FEB e coordenadora da Área de Atendimento Espiritual na Casa Espírita das Comissões Regionais do Conselho Federativo Nacional da FEB. Mais informações sobre o Movimento Espírita no Distrito Federal: www.fedf.org.br

● **Amazonas: Eventos Espíritas**

Duas palestras públicas e um seminário foram promovidos, de 1 a 3 de dezembro de 2006, em Manaus (AM). Para o evento, a Federação Espírita Amazônica convidou a presidente da Associação Médico-Espírita Internacional, Marlene Nobre. Ela fez a palestra "Nossa Vida no Além", coordenou o seminário "A Obsessão e suas Máscaras" e também fez conferência específica para profissionais da área de saúde. A página eletrônica da Federação Espírita Amazônica é: <http://www.feamazonas.org.br>

● **Espírito Santo: Encontro de Trabalhadores**

Em novembro de 2006, a Federação Espírita do Estado do Espírito Santo promoveu o seu 9º Encontro de Trabalhadores da Assistência e Promoção Social (Entradas) e aproveitou a oportunidade para inaugurar uma nova metodologia com ênfase no relacionamento interpessoal. Participaram 22 Instituições espíritas capixabas.

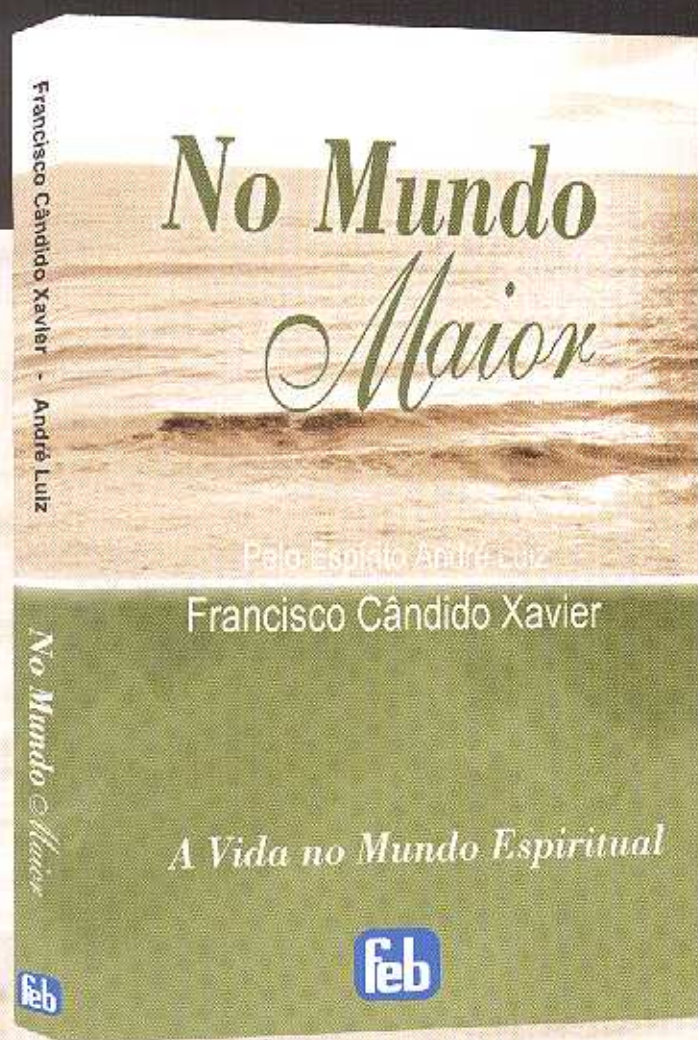
● **Encontro Espírita no Panamá**

De 8 a 11 de fevereiro, o Movimento Espírita do Panamá realizará o I Encontro Espírita Panamenho, que contará com a presença de vários representantes do Movimento Espírita da América Latina. Entre os brasileiros, Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira e Ney Prieto Perez. Tema central: "A Ciência e o Espírito no Mundo Contemporâneo".

Você já leu este romance?

Ele está fazendo

60 anos



Nesta obra, André Luiz focaliza aspectos da vida no Mundo Espiritual e da comunicação entre seres desencarnados e encarnados, especialmente durante o repouso do corpo físico.

Conheça também outras obras desta coleção.



relacionamento@febrasil.org.br • (21) 2187-8268/8272

www.febivraria.com.br • feblivraria@febnet.org.br



V ENCONTRO NACIONAL DE DIRETORES DE DIJ

“E, após tantos
anos... Por que
te deténs?”

Paulo 22:16



27 A 29
DE JULHO
DE 2007
BRASÍLIA—DF



Federação Espírita Brasileira
Departamento de Infância e Juventude
Av. L2 Norte, Quadra 603 - Conjunto F, Brasília - DF

